

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Comunicação e Expressão

Curso de Pós-Graduação em Lingüística

Beatriz Rinaldin Sganzerla

**O PAPEL DOS RÓTULOS NO ESTABELECIMENTO
DAS RELAÇÕES INTERFRÁSTICAS**

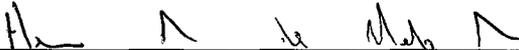
Dissertação

Florianópolis - UFSC

2001

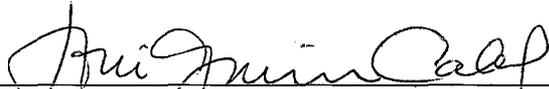
**O PAPEL DOS RÓTULOS NO ESTABELECIMENTO
DAS RELAÇÕES INTERFRÁSTICAS**

Esta dissertação foi julgada aprovada para a obtenção do grau de Mestre em
Linguística e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística
da Universidade Federal de Santa Catarina.



Coordenador: Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura

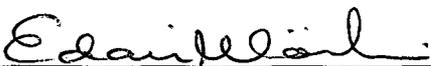
Banca Examinadora:



Prof.^a Dr.^a Loni Grimm Cabral (UFSC) – Orientadora



Prof.^a Dr.^a Viviane Heberle (UFSC)



Prof.^a Dr.^a Edair Maria Gorski (UFSC)



Suplente: Prof. Dr. Marco Antônio Rocha

À minha família

AGRADECIMENTOS

- À minha professora e orientadora Dr^a. Loni Grimm Cabral, pelo incentivo, atenção e profissionalismo com que conduziu o trabalho de orientação deste estudo.
- Aos professores Ingo Burckhardt e David Mandryk, que acompanharam os meus primeiros estudos em Lingüística.
- À minha família e aos amigos, pelo estímulo e carinho, imprescindíveis nesta jornada.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	08
2.	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	11
2.1.	A LINGUAGEM NO CONTEXTO SOCIAL	11
2.2.	O PAPEL DO TEXTO NO PROCESSO COMUNICATIVO	11
2.2.1.	A coerência e coesão textuais	13
2.2.2.	Os fatores pragmáticos da textualidade	18
2.3.	A COMPREENSÃO DO TEXTO	19
2.3.1.	As relações oracionais	20
2.3.1.1.	Relações oracionais básicas	21
2.3.1.2.	Estruturas textuais básicas	23
2.3.2.	O conhecimento léxico	27
2.3.3.	A categorização dos itens lexicais	28
2.3.3.1.	Palavras lexicais e palavras gramaticais	28
2.3.3.2.	Sinalização lexical: vocabulário 1, 2, 3	29
2.4.	OS RÓTULOS	32
2.4.1.	A identificação dos rótulos	33
2.4.2.	A relação X – A e o critério “ <i>dado – novo</i> ”	35
2.4.3.	Os rótulos e as funções da linguagem	36
2.4.3.1.	As funções ideacional e interpessoal	37
2.4.3.2.	A função textual	39
2.4.4.	Os comparativos como modificadores textuais	42
2.4.5.	Os rótulos com características metafóricas	43
3.	A PESQUISA E SUA METODOLOGIA	45
3.1.	Seleção dos rótulos	46
3.2.	Corpus	47
3.3.	Estratégias para análise dos rótulos	48
4.	A ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	49
4.1.	A frequência dos rótulos	49
4.1.1.	Assunto: Esporte	49
4.1.2.	Assunto: Cultura	50
4.1.3.	Assunto: Economia	50
4.1.4.	Assunto: Política	51
4.2.	A composição dos rótulos	54
4.2.1.	Os rótulos como complemento do item de referência definida ..	56
4.2.2.	Os rótulos modificado pelo item de referência definida	58
4.2.3.	Os rótulos compostos por modificadores organizacionais	61
4.2.4.	Os rótulos compostos por qualificadores	63
4.2.5.	Os rótulos compostos por comparativos e superlativos	65
4.3.	Os rótulos e as funções da linguagem	66
4.3.1.	A função textual	66

	4.3.2. A função ideacional	67
	4.3.3. A função interpessoal	68
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
7.	APÊNDICE	80

RESUMO

A compreensão de um texto resulta da capacidade do leitor em construir o seu sentido, que ocorre através da interação de seu conhecimento e experiências prévias, tanto no nível lingüístico quanto no sociocultural, e a sua tomada de posição frente às informações nele contidas. Neste estudo, buscamos verificar o papel dos rótulos no estabelecimento das relações interfrásticas, observando a freqüência, a composição e as funções de linguagem exercidas pelos mesmos em textos jornalísticos escritos em língua portuguesa do Brasil. Selecionamos os substantivos abstratos *problema*, *idéia*, *processo* e *situação* para exercerem a função de núcleo dos rótulos, que foram analisados em 1.122 textos relativos a cultura, esporte, política e economia, publicados no CD-ROM Folha - Edição 2000 do jornal Folha de São Paulo, no período de julho a dezembro de 1999. A partir da análise dos resultados obtidos, constatamos que a freqüência dos rótulos é significativa; que a preferência pela utilização de um determinado rótulo é de prerrogativa do escritor; e que a diferença entre o número de itens lexicais e os que exercem a função de rótulos está relacionada com a estrutura textual. No que se refere a composição dos rótulos, dos itens de referência definida que fazem parte dos mesmos, os pronomes demonstrativos foram os que mais se adequaram e, que a coesão interfrasal é obtida pelo rótulo como um todo. Quanto às funções de linguagem por eles exercidas, observamos que através de sua utilização o escritor organiza, caracteriza e avalia a sua própria argumentação, direcionando e facilitando a compreensão do texto por parte de seu leitor.

ABSTRACT

Research on text comprehension presents a big challenge for the observer who tries to understand this process. In this dissertation we present the results of an investigation whose objective was to observe the role achieved by labels (Francis, 1994) in clause relations, related to their frequency, composition and metafunctions. After selecting the abstract nouns *problem*, *process*, *idea* and *situation*, they were analyzed in 1,122 texts related to culture, politics, economy and sport published in the CD-ROM Folha - Edição 2000 of the newspaper Folha de São Paulo, from July to December/1999. Results show that their frequency is significant, and the difference between the number of lexical items and the same ones which fulfill a label function is related to the textual structure. In relation to their composition, the most adequate definite reference item to combine with the abstract noun is a demonstrative pronoun. The labels perform an important role in textual production not only for the writer who uses them to organize, qualify and evaluate his proper argument but also for the reader whose textual comprehension is facilitated.

1. INTRODUÇÃO

A linguagem desempenha um papel de fundamental importância no mundo em que vivemos, uma vez que os indivíduos dela se utilizam para interagirem entre si e com o meio em que estão inseridos.

Toda a comunicação humana, realizada pela linguagem, é elaborada através de textos orais ou escritos, compostos de palavras e/ou orações que formam uma unidade semântica dentro de um contexto específico e apresenta uma característica imprescindível a todo e qualquer ato comunicativo: a intenção de dizer algo a alguém.

Portanto, o produtor, no intuito de se fazer entender e ciente da impossibilidade de dizer tudo sobre um determinado assunto, faz uma escolha lexical e gramatical condizente e relevante com o seu propósito comunicativo, levando em consideração o seu conhecimento de mundo e o do seu receptor.

Para que haja a compreensão, o receptor, por sua vez, deve construir o sentido do texto, o que ocorre através da interação de seu conhecimento e experiências prévias e a sua tomada de posição em relação às informações contidas nesse texto.

O conhecimento do léxico é crucial para a compreensão do texto, já que para o entendimento de um determinado item lexical pressupõe-se que o receptor conheça outros itens lexicais, idéias ou conceitos a ele relacionados. Todavia, o conhecimento de itens lexicais isolados não garante a compreensão de um texto porque ele é composto de estruturas organizadas que se relacionam entre si. Assim, quando o receptor se depara com duas ou mais orações em uma determinada seqüência, ele procura por uma conexão entre elas e, se elas fazem sentido entre si, é porque ele foi capaz de estabelecer as relações interfrásticas.

O objeto desse estudo é observar as relações interfrásticas construídas através da utilização de *rótulos*. Os rótulos, substantivos anafóricos na perspectiva teórica proposta por Francis (1986), são substantivos que não se limitam apenas a dar nomes a objetos e conceitos e não se referem apenas a um item lexical específico, mas funcionam como elementos coesivos na medida em que resumem, reformulam e rotulam informações no texto,

apresentam e qualificam o posicionamento do produtor sobre uma determinada informação e passam a ser vistos como sinalizadores de argumentatividade.

A escolha desse tópico como objeto de pesquisa está diretamente relacionada com o interesse em observar a função que os rótulos exercem no estabelecimento das relações interfrásticas, não somente pelas suas características coesivas mas, principalmente, como elementos facilitadores na construção do sentido do texto pelo receptor, uma vez que o produtor, através do uso de um determinado rótulo, direciona como um determinado segmento de sua argumentação deve ser compreendido.

Com o intuito de observar a utilização de rótulos na língua portuguesa do Brasil e considerando que poucas pesquisas sobre o assunto nesse idioma têm sido desenvolvidas, além de Grimm-Cabral (1998; 1994; 1992) e Heberle (1997), procuramos, inicialmente, fazer uma revisão bibliográfica, que se constitui no referencial teórico que dá suporte a essa dissertação.

Fomos além da pesquisa bibliográfica, quando optamos por analisar as ocorrências dos rótulos em textos publicados no jornal A Folha de São Paulo. Tal opção apoia-se no fato de que os textos jornalísticos apresentam uma norma lingüística institucionalmente aceita que, se não é literária, também não resvala para o coloquial, além da atuação significativa que esse jornal exerce no contexto nacional.

Partindo do pressuposto que o escritor constrói o seu texto com itens lexicais específicos para cada um dos diversos assuntos e que, conseqüentemente, a freqüência de um determinado rótulo está relacionada com o assunto em que está inserido, optamos por observá-los em textos relacionados à política, economia, esporte e cultura, publicados no CD-ROM Folha – Edição 2000 do jornal acima mencionado, no período de julho a dezembro de 1999.

Como estamos cientes de que os rótulos são compostos, a princípio, por um item de referência definida e de um substantivo, damos seqüência ao nosso estudo observando a composição dos mesmos, para especificar não somente os itens de referência definida como também para verificar outros itens lexicais que fazem parte dos mesmos, além do substantivo que é o seu núcleo.

De posse das informações referentes à freqüência e à composição dos rótulos, partimos para a análise das funções textual, ideacional e interpessoal da linguagem, exercidas pelos mesmos, de acordo com o modelo proposto por Halliday (1987).

Assim, com a intenção de verificar a frequência com que algumas categorias de rótulos são utilizadas, observar a sua constituição e determinar as funções de linguagem que exercem, esse estudo está dividido em 7 (sete) capítulos, incluindo esta introdução.

O segundo capítulo apresenta uma revisão de literatura, dividido em 4 (quatro) seções distintas. A primeira delas discorre sobre o papel da linguagem no contexto social, seguida pela discussão do papel do texto no processo comunicativo e dos fatores que estabelecem a textualidade. A terceira refere-se ao processo de compreensão do texto, que envolve o estabelecimento das relações interfrásticas através das relações oracionais básicas e as estruturas textuais básicas, o conhecimento do léxico e a categorização dos itens lexicais. A quarta seção desse capítulo compreende a discussão sobre os rótulos, no que se refere à identificação, a relação X-A, os rótulos e as funções de linguagem, bem como os formados pelos comparativos e os que apresentam características metafóricas.

O terceiro capítulo apresenta, em primeiro lugar, a pesquisa e a sua metodologia, seguidas da seleção de rótulos, da descrição do corpus e das estratégias para a análise dos mesmos, no que se refere à frequência, composição e as funções de linguagem.

O quarto capítulo, que foi dividido em três seções, apresenta a análise e discussão de dados. A primeira das seções aborda a frequência dos rótulos em cada um dos assuntos previamente escolhidos, que são: esporte, cultura, economia e política. A segunda apresenta a composição dos rótulos e a terceira analisa os rótulos e as funções textual, interpessoal e ideacional da linguagem

O quinto capítulo finaliza a discussão com a apresentação das considerações finais e sugestões para futuros estudos sobre os rótulos.

O sexto capítulo apresenta o referencial bibliográfico consultado que fundamenta todo esse trabalho de pesquisa.

O sétimo capítulo contém exemplos da utilização do programa software Wordsmith na seleção e classificação dos rótulos.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. A LINGUAGEM NO CONTEXTO SOCIAL

O homem é um ser social e, para que possa viver e desenvolver-se em sociedade, está sujeito a transformações contínuas que se realizam através da interação dos indivíduos entre si e entre os indivíduos e o meio.

Neste processo de interação, que resulta da comunicação entre os indivíduos, comunicação esta que não se limita à troca de informações e idéias, mas, principalmente, à construção de conhecimento, opiniões e sentimentos, a linguagem desempenha um papel de relevância, uma vez que é a organizadora do pensamento e é, através dela, que as relações sociais se estabelecem.

Vygostky (1986) foi o primeiro a se manifestar quanto ao papel decisivo que a linguagem representa na formação dos processos mentais. Em seu livro *Pensamento e Linguagem*, ele argumenta que a linguagem é o meio pelo qual a reflexão e a elaboração da experiência ocorre; é um processo extremamente pessoal e profundamente social.

Se a linguagem é vista não somente como um instrumento de comunicação e de organização social, mas, também, como formadora dos processos mentais, seu aprendizado é parte integrante na formação do indivíduo.

2.2. O PAPEL DO TEXTO NO PROCESSO COMUNICATIVO

A realização de qualquer atividade comunicativa obedece a todas as características de uma atividade geral, partindo de uma motivação e/ou planejamento originais, seguidos da estruturação em ações fisiológicas, que envolvem a fala e a escrita, e da finalidade da ação.

Bakhtin (1997:279) afirma que toda a comunicação é realizada em forma de enunciados, tanto orais quanto escritos, compostos de três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional, estabelecendo um **todo** indissolúvel.

O enunciado é uma unidade real da comunicação verbal e para que essa comunicação se realize são necessários o produtor e o receptor, ambos participando ativamente, visto se esperar do receptor uma atitude responsiva, concordando ou discordando, complementando, adaptando e agindo.

Os enunciados, segundo Bakhtin, são compostos de palavras e/ou orações, de natureza gramatical, que não possuem significação plena nem suscitam uma atitude responsiva. No entanto, essas palavras e/ou orações passam a ser consideradas um enunciado desde que rodeadas de um contexto e vinculadas a um destinatário. Assim, as palavras e orações só alcançam significação plena se estiverem unicamente dentro do **todo** do enunciado.

Cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos de enunciados, que são relativamente estáveis, denominados gêneros do discurso, classificados como primários e secundários. Enquanto o gênero primário refere-se à comunicação verbal espontânea e aos diversos tipos de diálogo oral, tais como a linguagem das reuniões sociais, das situações familiares e cotidianas, da linguagem sociopolítica e filosófica, o gênero secundário reflete maior complexidade em sua elaboração, como pode ser observada no romance, teatro, discurso científico, ideológico, envolvendo principalmente a escrita.

Bakhtin (1997:291) afirma que “*cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados*” e que, independentemente do gênero de discurso em que esses enunciados estão inseridos, eles expressam princípios, valores e significados. Os enunciados, portanto, compõem o discurso, que se realiza linguisticamente através de *textos*.

Halliday & Hasan (1990:01) afirmam que toda atividade comunicativa se realiza através de textos falados ou escritos⁽¹⁾, curtos (compostos de uma única palavra/sentença) ou longos, monólogos ou diálogos, em prosa ou verso. Eles definem texto como uma “*realização verbal entendida como uma organização de sentido, que tem o valor de uma mensagem completa e válida, num contexto dado*”. Assim, texto é “*uma unidade de linguagem em uso*”, que não pode ser considerado como uma unidade gramatical, nem

¹ O texto pode existir tanto na forma oral como escrita, porém, para efeito desse estudo, sempre que se utilizar o item lexical *texto*, ele vai se referir à modalidade escrita. Quando houver necessidade, será qualificado apropriadamente.

definido pelo seu tamanho, porém, como uma unidade semântica realizada através de sentenças.

Para que um texto possa ser considerado como tal, ele deve possuir *textualidade*, determinada por certas características lingüísticas reconhecidas como contribuintes para a sua unidade, que o difere de uma seqüência qualquer de frases.

Beaugrande e Dressler (apud Costa Val, 1999:05) vêm se dedicando ao estudo do processo cognitivo do texto e relacionam sete fatores que estabelecem essa textualidade, que são: a *coerência* e a *coesão*, relacionadas com o conceitual lingüístico do texto; a *intencionalidade*, a *aceitabilidade*, a *situacionalidade*, a *informatividade* e a *intertextualidade*, que estão relacionadas com os fatores pragmáticos envolvidos no processo comunicativo.

2.2.1. A Coerência e a Coesão Textuais

A coerência é de fundamental importância para a textualidade, visto ser responsável pelo sentido do texto. A coerência do texto deriva de sua lógica interna e do conhecimento de mundo de quem processa o discurso. O texto não significa exclusivamente por si mesmo, uma vez que o seu sentido é construído não só pelo produtor como também pelo receptor (Ruddell, 1994:415), que precisa deter conhecimentos necessários à sua interpretação.

Alguns fatores relacionados com a coerência textual devem ser observados. São eles: a coerência e linearidade textual, a coerência microestrutural e macroestrutural e a coerência e coesão.

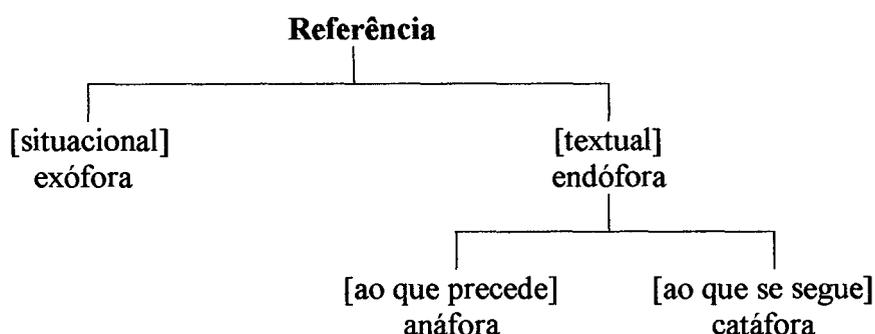
Enquanto a coerência e a linearidade textual estão vinculadas à ordem de aparição dos segmentos que constituem o texto, a coerência microestrutural e a macroestrutural referem-se aos dois níveis de organização textual estabelecidos pelos gramáticos de texto, entre eles Van Dijk (apud Fávero & Kock, 1997:79). Pode haver coerência em um nível local ou microestrutural, que se estabelece nas relações entre as frases ordenadas em uma seqüência, e em um nível global ou macroestrutural, que se estabelece nas relações entre as seqüências consecutivas.

O texto pode ser microestruturalmente coerente sem o ser em sua macroestrutura, embora não haja diferença fundamental entre as regras de macrocoerência e microcoerência. Entretanto, para que um texto seja coerente na sua totalidade, ele deve ser composto de seqüências coerentes em ambas as estruturas.

A coesão é a manifestação lingüística da coerência, resultante da maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual e envolve uma relação semântica realizada através do sistema léxico-gramatical que nada tem a ver com os limites da sentença. Halliday & Hasan (1990:08) afirmam que a “*coesão é uma relação semântica entre um elemento no texto e algum outro elemento que é crucial para a sua interpretação*” e apresentam como principais fatores de coesão a *referência*, a *substituição*, a *elipse*, a *conjunção* e a *coesão lexical*.

Quando os itens da língua não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos e se relacionam a outros elementos necessários à sua interpretação são denominados elementos de *referência*, que pode ser *situacional* (exofórica) ou *textual* (endofórica). Essa classificação pode ser observada na figura abaixo:

Figura 01:



(Fonte: Halliday & Hasan, 1990:33)

A referência é exofórica quando a remissão é feita a um elemento da situação comunicativa, ou seja, quando o referente se encontra fora do texto – dêixis; e endofórica quando o referente está expresso no próprio texto.

A referência extratextual ou exofórica não é coesiva, pois não liga um elemento a outro dentro do texto. Um item exofórico não nomeia nada, porém, indica que para a sua interpretação deve se considerar o contexto da situação. Os elementos situacionais são recuperados na situação e não através de itens correferentes.

Exemplo 01:

“A avalanche de informações, uma das características mais marcantes do mundo contemporâneo, aqui ou em qualquer outro país, atinge em cheio a nossa habilidade de recordar.”
(Superinteressante, ago/2000:51).

Em (01) sabe-se que *aqui* refere-se a um país pela informação que se segue, marcada pela conjunção alternativa *ou*. Como esse fragmento foi publicado em uma revista brasileira, *aqui* refere-se ao Brasil, e *ou em qualquer outro país*, a um dos outros países do mundo, com exceção do nosso. A referência é, portanto, exofórica, visto ser recuperada somente no contexto da situação.

A referência textual ou endofórica pode ser *pessoal*, representada pelos pronomes pessoais e possessivos; *demonstrativa*, efetuada através dos pronomes demonstrativos e advérbios indicativos de lugar; e *comparativa* que ocorre de maneira indireta, através de identidades e similaridades.

Quando uma relação coesiva de referência se estabelece e permite a interpretação de um item em relação ao outro que o precede no texto, tem-se a anáfora. Um elemento anafórico pode, também, referir-se a todo um enunciado anterior.

Exemplo 02:

“Para guardar para sempre o que você aprendeu, seu cérebro precisa processar as informações no hipocampo. Ele seleciona os dados que podem ser expressos por palavras...”
(Superinteressante, ago/2000:51).

Exemplo 03:

“Além de estimular a comunicação entre os neurônios, os novos experimentos buscam induzir, com segurança, sua multiplicação. E isso é algo extremamente recente no mundo da ciência.” (idem).

Em (02) , a utilização do pronome pessoal *ele* retoma *cérebro*; e em (03), o demonstrativo *isso* retoma todo o enunciado anterior. A função desses pronomes é de dar continuidade ao texto, evitando a repetição do termo e/ou do enunciado a que se referem, contribuindo, dessa maneira, para a coesão textual.

Todavia, se a interpretação de um elemento depende de outro elemento que se segue no texto, tem-se a catáfora.

Exemplo 04:

“O pesquisador Jacob também tem seus truques. O primeiro é anotar praticamente tudo. Ele transforma em papezinhos de

recado todas as informações que vê ou ouve. Dá a elas um título...” (Superinteressante, ago/2000:54).

Em (04), para que se possa interpretar *tudo*, é necessário que se busque sua referência na seqüência do enunciado, que ocorre quando se depara com *todas as informações que vê ou ouve*.

A *substituição* é uma relação que se estabelece no texto, e consiste na colocação de um item no lugar de outro, e/ou outros, ou até mesmo de uma frase inteira. Essa substituição pode ser nominal, realizada através de pronomes, numerais, indefinidos e genéricos.

Exemplo 05 :

“Há também exercícios mentais que podem estimular a memória. Um deles é acrescentar outros significados.” (Superinteressante, ago/2000:54).

Em (05), *que* e *deles*, ao mesmo tempo que se referem a *exercícios mentais*, substituem essas palavras.

A *elipse* consiste na omissão de um item lexical, somente recuperado em um contexto. Pode haver a elipse de elementos nominais, verbais e de orações.

Exemplo 06 :

“O gerente de treinamento da Johnson & Johnson, Roberto Zardo, 45 anos, recebe uma média de cinquenta e-mails por dia, assina dois jornais, três revistas e navega todo o dia na rede.” (idem).

Em (06), o sujeito elíptico dos verbos *assinar* e *navegar* é identificado pelo morfema de 3ª pessoa do singular, que nos remete ao gerente de treinamento da Johnson & Johnson, Roberto Zardo.

A *conjunção* se difere das relações coesivas mencionadas, por não se tratar simplesmente de uma relação anafórica. Fávero & Koch (1983:41) afirmam que os elementos conjuntivos são coesivos não tanto por si mesmos, mas

“Em virtude das relações significativas específicas que se estabelecem entre as orações dentro de um período, entre os períodos dentro de um parágrafo, entre os parágrafos no interior do texto”.

Os principais elementos conjuntivos são os advérbios e as locuções adverbiais, as conjunções coordenativas e subordinativas, as preposições e locuções prepositivas e itens continuativos tais como *dai, então, a seguir*, etc.

Exemplo 07:

“Maria Fátima de Módena, 45 anos, dirige uma empresa que monta feiras e exposições pelo Brasil. Logo depois de acordar, começa a ler jornais. Em seguida, senta-se à frente do computador...” (Superinteressante, ago/2000:49).

Em (07), *logo depois* e *em seguida*, são elementos coesivos, à medida que contribuem para a seqüenciação dos eventos narrados e, conseqüentemente, para a progressão do texto.

A *coesão lexical* é obtida quando um item lexical refere-se a outro, relacionando-se ambos por possuírem um referente comum. Essa reiteração pode ser obtida através de repetição, de sinonímia e de hiperônimos, que incluem os substantivos genéricos. Esses itens lexicais, na maiorias das vezes, são acompanhados por um item de referência definida.

Exemplo 08:

“O procedimento exige a utilização de salas assépticas, com padrão de limpeza (...) Esses recintos são considerados o coração da fábrica...” (idem).

Em (08), a coesão lexical se estabelece, pela relação de sinonímia entre os substantivos *recintos* e *salas*.

Considerando que a coesão textual é responsável pela unidade formal do texto, e é construída através de mecanismos gramaticais e lexicais; que a função dos elementos coesivos é de estabelecer a textura e ocorre quando a interpretação de um elemento é

dependente do outro, isso é, um pressupõe o outro, a compreensão do texto depende, a princípio, da capacidade do leitor de entender o léxico e as relações que se estabelecem entre os componentes do texto.

2.2.2 Os Fatores Pragmáticos da Textualidade

Conforme mencionado no início do capítulo, a textualidade é também determinada por fatores pragmáticos que, segundo Beaugrande & Dressler (apud Costa Val, 1999:05), são: *intencionalidade*, *aceitabilidade*, *situacionalidade*, *informatividade* e *intertextualidade*, sendo que os dois primeiros referem-se aos protagonistas do ato de comunicação.

A *intencionalidade*, como a própria denominação sugere, está diretamente relacionada com a intenção do escritor em construir um texto coerente e coeso, a fim de que possa alcançar os seus objetivos numa situação comunicativa. Esses objetivos são responsáveis pela orientação na produção do texto, que pode ter o intuito de informar, impressionar, convencer, pedir, agradecer, ofender, etc.

Por outro lado, a *aceitabilidade* refere-se ao leitor do texto, cuja expectativa é de que o texto a ser processado seja coerente e coeso, útil e relevante, permitindo-lhe adquirir novos conhecimentos e/ou ampliar os que já possui.

Outro fator de textualidade apontado por Beaugrande e Dressler (*op.cit.*) é a *situacionalidade*, que diz respeito aos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto em relação ao contexto em que ocorre.

O contexto pode definir o sentido do discurso e, geralmente, orienta tanto a produção quanto a recepção do mesmo. Em determinadas circunstâncias, um texto menos coeso e aparentemente sem muita clareza pode funcionar melhor do que outro de configuração mais completa.

O interesse do leitor por um determinado texto vai depender do grau de *informatividade* nele contido. Esse é mais um fator de textualidade e está relacionado ao modo pelo qual as ocorrências de um texto são esperadas ou não, tanto no plano conceitual quanto no formal. Se um texto revelar-se totalmente inusitado, ele tende a ser rejeitado pelo receptor, que não terá condições de processá-lo a contento. Em contrapartida, um texto menos previsível tende a ser mais informativo, porque a sua recepção, embora exija algum esforço, se apresenta mais interessante, mais envolvente.

Outro componente de textualidade é a *intertextualidade*, que concerne aos fatores que fazem com que o entendimento de um texto esteja dependente do conhecimento de outro(s) texto (s). Um grande número de textos só é compreendido em relação a outros textos (orais ou escritos), que funcionam como seu contexto. Tome-se, como exemplo, a fala coloquial, onde conversas anteriores são retomadas; os noticiários dos jornais e os pronunciamentos políticos, que requerem o conhecimento de notícias anteriormente divulgadas, ou discursos já proferidos, que servem como ponto de partida para esse novo texto.

Considerando os conceitos de texto e textualidade, poder-se-ia dizer que a unidade textual é construída através dos fatores pragmáticos (intencionalidade, aceitabilidade situacionalidade, informatividade e intertextualidade); no aspecto formal, através dos mecanismos de coesão; e no aspecto semântico, através da coerência.

2.3. A COMPREENSÃO DO TEXTO

A comunicação humana se realiza através de textos, tanto orais quanto escritos e, apesar das diferenças que existem entre eles, desde que no oral a interação entre os sujeitos falantes é imediata, enquanto no escrito o próprio texto é que estabelece o elo entre o escritor e o seu leitor, ambos apresentam uma mesma característica imprescindível a todo e qualquer ato comunicativo: a intenção de dizer algo a alguém. O sujeito envolvido nesse processo passa a ser visto como um ser psicológico, consciente de suas intenções e capaz de comunicá-las a alguém.

A compreensão de um texto pode ser entendida como um processo pelo qual o leitor constrói o seu sentido. Ruddell (1994:415) afirma que essa construção ocorre através da interação leitor – texto, durante ou depois de sua leitura, associada ao seu conhecimento e experiências prévias, e a sua tomada de posição em relação às informações nele contidas.

Em um processo comunicativo, o escritor, no intuito de se fazer entender, deve escolher um entre uma gama de estímulos, considerando tanto o seu próprio interesse quanto o do seu leitor, ou seja, ele deve transmitir uma mensagem com um determinado propósito, num contexto específico, em um tempo determinado.

Durante o processamento da informação, o leitor, por sua vez, tem intuições de relevância, que possibilitam ao mesmo perceber se uma informação é relevante ou não

naquele contexto. Sperber & Wilson (1996:122) afirmam que *“um assunto é relevante em um contexto se e somente se ele exerce um efeito contextual naquele contexto”*.

Assim, o escritor, ciente da impossibilidade de dizer tudo sobre um determinado assunto, faz uma seleção lexical e gramatical para cada uma das sentenças a serem proferidas, levando em consideração o seu conhecimento de mundo e o do seu leitor, seleção essa que deve ser condizente e relevante com seu propósito comunicativo.

O que ocorre, em seguida, é a produção de orações com um conteúdo selecionado de alguma forma pelas orações precedentes. Winter (1986:89) afirma que: *“...a oração desenvolve o tópico e como tratamos o tópico em nossa oração depende de como esse tópico foi desenvolvido nas orações anteriores”*.

A partir do momento em que se junta duas orações com um propósito definido, o leitor procura uma conexão entre elas e, se elas fazem sentido entre si, é porque ele foi capaz de estabelecer relações oracionais.

2.3.1 As Relações Oracionais

Uma relação oracional (Winter, 1994, 1986, 1976; Hoey, 1994, 1983; Meurer⁽²⁾, 1997, Vasconcelos, 1997) é estabelecida quando dois segmentos da linguagem são justapostos e o sentido do *todo* é maior que o de cada um desses segmentos, isoladamente. O escritor, na medida em que constrói o seu texto, acrescenta novas orações, sempre à luz de todas as outras orações que fazem parte desse mesmo texto.

Winter (1994:49) define relação oracional como:

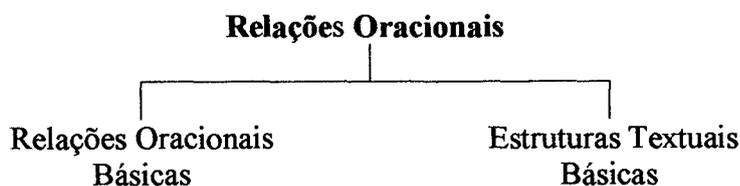
“Uma relação oracional é um processo cognitivo, bem como o produto desse processo, por intermédio do qual o leitor interpreta o sentido de uma oração, de um período, ou de um grupo de períodos presentes no mesmo texto”.⁽³⁾

As relações oracionais dividem-se em duas grandes categorias: *relações oracionais básicas e estruturas textuais básicas*, conforme apresentadas na figura 02:

² Meurer apresenta um estudo sobre as relações oracionais básicas e a estrutura textual situação – avaliação, aplicado na língua portuguesa do Brasil, em Parâmetros da Textualização (1997).

³ A tradução dessa citação foi obtida em Meurer, 1997:64.

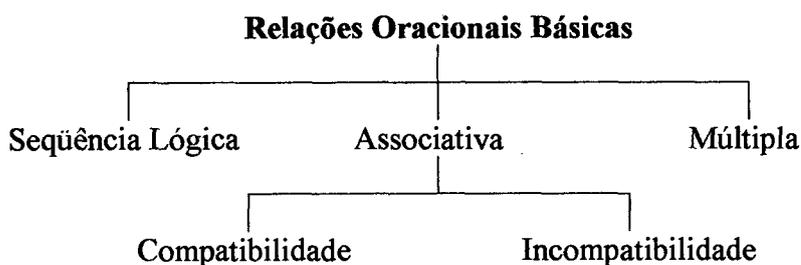
Figura 02:



2.3.1.1. Relações Oracionais Básicas

As relações oracionais básicas são classificadas em: *relação associativa* (*matching relation*), *relação de seqüência lógica* (*logical sequence relation*) e *relação múltipla* (*multiple clause relation*), representadas na figura 03.

Figura 03:



A *relação de seqüência lógica* está vinculada á seqüência tempo/espço e a mudanças dedutivas e causais. Nessa relação, o texto deve fornecer respostas para questionamentos como “O que aconteceu em seguida?”, “O que aconteceu antes disso?”, “Qual foi a causa?”, “O que se conclui?”, “O que fez você chegar a essa conclusão?”

Exemplo 09:

“O índio brasileiro continuava a seduzir os europeus, e em especial os franceses, um século depois de Montaigne. Quarenta quadros feitos por artistas holandeses durante a ocupação do Nordeste, cedidos por Maurício de Nassau a Luis XIV, O Rei Sol, foram expostos à visitaçã pública no Palácio do Louvre, em 1679.” (Superinteressante, ago/2000:68).

Em (09) a *relação de seqüência lógica* é estabelecida considerando a ordem cronológica dos eventos mencionados e fornece respostas aos questionamentos mencionados acima.

Uma *relação associativa* ocorre quando o escritor associa pessoas, eventos, processos, ações, etc...considerando as suas similaridades e diferenças e é classificada em *relação associativa de compatibilidade* e *relação associativa de incompatibilidade*, onde, na primeira, as semelhanças são exploradas e, na segunda, as diferenças.

Exemplo 10:

“... o terceiro passo, o de correr riscos para impressionar os outros, é muito difundido no mundo animal. Tal como os seres humanos, os animais defrontam periodicamente com o problema de como demonstrar sua superioridade de forma convincente para atrair uma parceira, intimidar um rival, paralisar uma presa de medo ou deter um possível predador.” (Veja, dez/2000, n. 52:74).

Exemplo 11:

“Não somos apenas mais uma espécie animal, escravos impotentes de nossos instintos. Ao contrário, somos o único animal que toma decisões conscientes sobre se disseminar nossos genes é a coisa mais importante da vida.” (idem:77).

Em (10) pode-se observar a compatibilidade semântica acentuada pela utilização da conjunção subordinada comparativa *tal como*; e em (11) a incompatibilidade semântica pelo uso da conjunção coordenada adversativa *ao contrário*.

A relação associativa caracteriza-se por um elevado número de repetições lexicais que consiste na recorrência de formas lingüísticas iguais ou semelhantes nas orações, que realizam as relações de compatibilidade e incompatibilidade. Essas repetições servem de contexto para a introdução de uma nova informação e/ou mudança de foco da atenção.

Uma *relação oracional múltipla* ocorre quando ambas as relações, a *associativa* e a de *seqüência lógica*, acontecem no mesmo par de sentenças.

Exemplo 12:

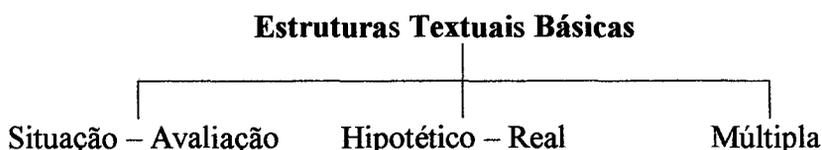
Se você não comprar o CD, eu vou comprá-lo.

Em (12), ambas as relações se fazem presentes. A *relação de seqüência lógica* pode ser observada considerando-se que na oração subordinada condicional, sinalizada pela conjunção *se*, há uma condição ou hipótese negativa, enquanto que na oração principal há uma consequência expressa. A *relação associativa de incompatibilidade* pode ser, também, observada e é ressaltada pela estrutura de repetição presente nas orações.

2.3.1.2. As Estruturas Textuais Básicas

Conforme mencionado anteriormente, as relações oracionais classificam-se em *relações oracionais básicas* (apresentadas em 2.3.1.1.) e *estruturas textuais básicas*, que se subdividem em *situação – avaliação*, *hipotético – real* e *estrutura múltipla*, conforme representado na figura 04.

Figura 04:



Na estrutura textual *situação – avaliação* (Winter 1994, 1986, 1976; Hoey 1994, 1983; Meurer, 1997), a *situação* corresponde aos fatos sobre os quais se fala (fatos = situação), que representam uma resposta ao seguinte questionamento: “*Sobre o que estou escrevendo?*” Esse questionamento auxilia o leitor a identificar não somente a *situação*, mas os participantes e o tópico que será desenvolvido na seqüência do texto.

A *avaliação*, por outro lado, expressa o que se pensa e/ou sente em relação aos fatos apresentados na *situação* (interpretação = avaliação da situação), e responde a perguntas como “*O que penso sobre isso?*”, ou “*O que sinto a respeito disso?*”.

Geralmente, a *avaliação* é estabelecida através das *relações associativas de compatibilidade e de incompatibilidade*, ou seja, estabelece-se uma comparação com a situação apresentada e outras situações que, de uma forma ou de outra, se relacionam entre si.

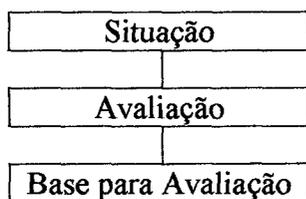
Hoey (1983:55), quando se refere a essa estrutura textual, afirma que a *avaliação* pode ocorrer da seguinte forma:

Figura 05:

Situação - Avaliação da situação como não problemática
Situação - Avaliação da situação como problema
Situação - Avaliação da situação como resposta
Situação - Avaliação da nova situação como resultado

Para dar suporte aos seus comentários avaliativos, o escritor, normalmente, apresenta uma justificativa para a sua avaliação, denominada *base*, que responde a perguntas como “*Como você sabe disso?*”, ou “*Por que você pode fazer esta afirmação?*”. Sendo assim, essa estrutura textual pode ser representada conforme a figura 06.

Figura 06:



Exemplo 13:

“O ano 2000 deveria ser celebrado em Londres com várias construções sensacionais. O Domo do Milênio cobriria um imenso espaço onde os londrinos poderiam visitar uma exposição atrás da outra. A gigantesca Roda do Milênio se ergueria junto ao Rio Tâmisa e elevaria as pessoas a uma altura maior que a do domo da Catedral de Saint Paul. E a Ponte do Milênio, delgada como uma lâmina, seria uma nova e emocionante forma de atravessar o rio.

Nenhuma dessas maravilhas da arquitetura e da engenharia funcionou conforme os planos. O Domo do Milênio não atraiu multidões capaz de justificar seu custo, que continuou a crescer. A Roda do Milênio não conseguiu, de início pôr-se em posição; depois, não tinha o alvará de segurança para o dia da inauguração. A Ponte do Milênio, só para pedestres, vibrou a tal ponto com o caminhar da massa de usuários que foi preciso interditá-la para que essa ressonância se corrija. Em vez de exibir espetacularmente a engenharia inglesa às vésperas do milênio, esses sistemas tecnológicos juntaram-se para envergonhar Londres.” (Veja, dez/2000, n. 52:80).

Em (13), o primeiro parágrafo representa a *situação*, seguida pela *avaliação*: “*Nenhuma dessas maravilhas da arquitetura e da engenharia funcionou conforme os planos.*”, constante do segundo parágrafo. É, também, nesse segundo parágrafo, que o escritor apresenta uma justificativa para a sua avaliação.

A segunda estrutura textual apresentada por Winter (1994, 1986, 1976; Hoey, 1994, 1983; Vasconcelos⁽⁴⁾, 1997) é a *hipotético – real*, onde o elemento *hipotético* corresponde a uma situação hipotética e, o *real*, a uma investigação de uma provável realidade para a situação hipotética. O escritor pode se utilizar dessa estrutura para manifestar a sua reação ao conteúdo das declarações de outros, inseridas em seu discurso.

Dentro dessa estrutura, o *elemento hipotético* apresenta uma declaração a ser negada ou afirmada como verdadeira, enquanto que o *elemento real* apresenta a confirmação ou a negação desse discurso. A função do *elemento real* é de responder perguntas como “*Isso é verdade?*”, ou “*Como você sabe que isso é verdadeiro?*”.

Exemplo 14:

“Alguém disse que um especialista é uma pessoa que sabe cada vez mais sobre cada vez menos. A frase é engraçadinha, porém errada. Cadê o especialista que só sabe de um assunto? Certamente, não está nos empregos mais cobiçados. Pensemos no caso dos cientistas. Noventa e nove por cento dos mortais não entendem as suas publicações, sobretudo nas ciências naturais. Mas um cientista fez o primário e secundário genérico, uma faculdade pouco especializada e os cursos de doutorados são bastante amplos e multidisciplinares. Portanto, em seus vinte anos de estudo, relativamente pouco tempo foi concentrado em áreas especializadas. E mesmo estudando em áreas especializadas, muito do proveito foi afiar a capacidade de manipular idéias. No fundo, o bom cientista é um grande generalista que, além disso, domina uma área específica.”
(Veja, abril/2001, n.13:25).

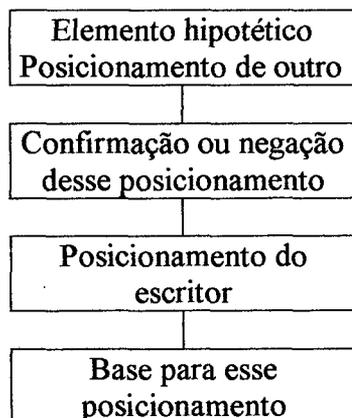
Em (14), o *elemento hipotético* é representado pela declaração de outrem: “*Alguém disse que um especialista é uma pessoa que sabe cada vez mais sobre cada vez menos.*”, que passa a ser negada pelo escritor, através do *elemento real*: “*A frase é*

⁴ Vasconcelos apresenta um estudo dessa estrutura textual aplicado na língua portuguesa do Brasil, em Parâmetros da Textualização (1997)

engraçadinha, porém errada". A partir dessa negação, o escritor explicita o seu ponto de vista, seguido de uma justificativa para o seu posicionamento.

É através da rejeição ou confirmação do *elemento hipotético* que o escritor apresenta o seu ponto de vista, que pode ser seguido ou não de uma justificativa para a sua argumentação. Essa estrutura pode ser assim representada:

Figura 07:



A terceira estrutura apresentada por Winter (1994, 1986, 1976; Hoey, 1994, 1983) é denominada *múltipla*, uma vez que apresenta ambas as estruturas *situação – avaliação* e *hipotético – real* em uma única estrutura.

É interessante observar que Winter (*op.cit.*), quando se refere às relações oracionais, subdivide-as em relações oracionais básicas e estruturas textuais básicas. Considerando a definição por ele proposta e mencionada no início da seção, um dos fatores envolvidos nessas relações refere-se à construção do sentido, que está relacionado com a disposição de duas ou mais orações juntas ou um grupo de orações, onde o significado do *todo* deve ser maior do que o de suas partes individualmente.

A interpretação dessas orações só ocorre dentro de um determinado contexto, ou seja, o escritor acrescenta novas orações sempre à luz de todas as outras orações ou grupo de orações que fazem parte deste mesmo contexto.

Para que um determinado texto tenha sentido, o escritor deve construir as relações que se estabelecem entre os diversos segmentos do texto. Na estrutura *situação – avaliação* para apresentar a *avaliação* o escritor deve adicionar novas informações que estejam relacionadas com o que foi proposto no elemento *situação*. O mesmo ocorre quando

da construção de um texto que se enquadra na estrutura textual *hipotético - real*, onde ele constrói o *real* à luz das orações que compõem o *elemento hipotético*.

Deve-se ressaltar, entretanto, que as relações oracionais básicas de *seqüência lógica, associativa e múltipla* são veiculadas somente através de cada um dos elementos que compõem as estruturas textuais básicas, ambas propostas por Winter (*op.cit.*).

2.3.2 O Conhecimento do Léxico

O conhecimento do léxico é crucial para a compreensão de um texto, uma vez que, para o entendimento de uma determinada palavra⁽⁵⁾ pelo leitor, pressupõe-se que ele conheça outras palavras, conceitos e/ou idéias a ela relacionadas.

A aprendizagem incidental de novos itens lexicais em um contexto oral é o principal meio de aquisição do léxico (Nagy & Herman, 1981:24), especialmente pelas crianças antes de freqüentarem a escola. Quando uma criança, nessa situação, aprende um novo item lexical, essa aprendizagem ocorre de maneira natural, facilitada pelo contexto extra-lingüístico, desde que o que se nomeia pode estar fisicamente presente, ou essa aprendizagem pode ser também facilitada pela entonação e/ou gestos. Quando a compreensão não se realiza, perguntas podem ser feitas a fim de se dirimir possíveis dúvidas.

Nagy & Herman (*op.cit.*) afirmam que a aprendizagem de itens lexicais a partir de um contexto escrito é vista como um dos maiores meios pelo qual se adquire novos itens lexicais, embora não seja esse contexto tão rico e útil em fornecer maiores informações sobre o sentido de um item lexical como o contexto oral.

A aprendizagem dos itens lexicais não é uma tarefa única (Graves, 1987 - apud Ruddell, 1990:423), mas uma série de tarefas que variam dependendo da relação entre o conhecimento de um item lexical aprendido anteriormente pelo leitor e o novo conceito a ser ensinado. Essas são as tarefas por ele propostas:

- aprender a ler palavras conhecidas
- aprender novos sentidos para as palavras conhecidas
- aprender novas palavras que representam conceitos conhecidos
- aprender novas palavras que representam novos conceitos
- esclarecer e enriquecer o sentido de palavras conhecidas

⁵ Considerando a complexidade que envolve a definição de *palavra*, sempre que houver a necessidade de utilizá-la, ela será substituída pela expressão *item lexical*.

Essa aprendizagem não ocorre de uma única vez, mas de forma gradativa, por toda a vida do indivíduo, que, quando adulto, se utiliza de estratégias que incluem meios específicos para obter sentido, como a descontextualização, a pesquisa de novos itens lexicais e a construção de definições.

Todavia, o conhecimento de itens lexicais isolados não garante a compreensão de um texto, já que ele é composto de estruturas organizadas que se relacionam entre si. É necessário salientar a importância de cada um dos itens lexicais utilizados na construção de um texto, pois eles contribuem, de uma forma mais significativa ou não, para que se alcance o sentido geral do mesmo.

2.3.3. A Categorização dos Itens Lexicais

2.3.3.1. Palavras Gramaticais e Palavras Lexicais

Os itens lexicais pertencem a duas categorias distintas, ambas relacionadas com o significado, que são as *palavras gramaticais* e as *palavras lexicais*.

As *palavras gramaticais* são, também, denominadas *palavras funcionais* ou *palavras vazias* (*empty words*), uma vez que estruturam sintaticamente as palavras lexicais e só adquirem significado no contexto em que se encontram. Essa categoria abrange uma classe pequena e finita de itens lexicais, que inclui as conjunções, artigos e pronomes. Eles são, geralmente, imutáveis, o que permite aos linguistas classificá-los como pertencentes a um *sistema fechado*.

As *palavras lexicais* são conhecidas como *palavras completas* (*full words*) ou *palavras de conteúdo* (*content words*), porque carregam um conteúdo altamente informativo. Fazem parte dessa categoria os substantivos, verbos, adjetivos e advérbios.

Enquanto as *palavras gramaticais* são de número finito, as *lexicais* são infinitas e estão sujeitas á mudanças, tanto na forma como no sentido. Por essa razão, elas são classificadas como pertencentes a um *sistema aberto*.

2.3.3.2. Sinalização Lexical

Winter propõe uma outra categorização dos itens lexicais, considerando a função que eles desempenham nas relações interfrásticas. Ele os classifica como *vocabulário 1*, *vocabulário 2* e *vocabulário 3*.

Winter (1977:12) afirma que “há uma classe de itens lexicais do sistema aberto que possuem propriedades semânticas similares aos itens do sistema fechado no que se refere à conexão frástica.” Esses itens lexicais, segundo ele, têm uma função especial nas relações oracionais, pois, além de conectores, sinalizam que tipo de informação será apresentada na sentença e/ou sentenças que se seguem.

Os itens lexicais que compõem o *vocabulário 1* são os subordinadores e os do *vocabulário 2* são os conectores, que “explicitam a relação entre a oração principal e a que a precede.”(op.cit.).

A diferença entre essas duas categorias pode ser observada pelos seguintes exemplos:

Exemplo 15:

“Diamond sustenta a tese polêmica de que o comportamento humano – em especial a propensão a ignorar os riscos das relações extraconjugais ou da promiscuidade – não vai mudar no futuro. Segundo ele, as pessoas carregam esse determinismo em seus genes.” (Veja, dez/2000, n. 52:74).

Em (15), a relação interfrástica é estabelecida pela conjunção subordinativa conformativa *segundo*, que integra o léxico do *vocabulário 1*, cuja utilização cria uma situação de dependência de uma oração em relação a outra.

Exemplo 16:

“Provavelmente pensam que as pontes que caíram há um ou dois séculos eram projetadas sem essas vantagens e, portanto, os desastres não interessam para as que são projetadas hoje.” (idem:83)

Em (16), as conjunções coordenadas aditiva *e* e a explicativa *portanto*, que pertencem ao *vocabulário 2*, ligam as orações mas, mesmo assim, permitem que elas permaneçam independentes uma da outra.

O léxico que constitui o *vocabulário 3* engloba as palavras de conteúdo, porém, elas desempenham a função de relacionar orações e que têm correspondência nos *vocabulários 1 e 2*. Ele é composto de substantivos, adjetivos e verbos, que podem ser classificados sintaticamente como sujeito, predicado, objeto ou complemento nominal, passivos de alterações como qualquer item do sistema aberto, ou seja, um substantivo pode ser modificado por um adjetivo (*casa grande*); um adjetivo por um advérbio (*muito interessante*); um advérbio por um outro advérbio (*muito bem*); um verbo por um modalizador (*pode chover*); ou um verbo por um advérbio (*escreveu mal*).

Porém, o que difere o léxico que compõe o *vocabulário 3* dos demais itens do sistema aberto é que, além de possuírem o seu próprio significado como palavras, esses itens lexicais “*devem estar relacionados estruturalmente a outro item lexical do sistema aberto - fechado de uma oração*”. Assim, a realização lexical do *vocabulário 3* segue o mesmo princípio exigido na referência lexical, tanto anafórica quanto catafórica, que devem ambas serem especificadas pelos itens lexicais a que se referem. Esses itens lexicais são denominados de *sinalizadores lexicais* (Winter 1994, 1977; Hoey 1994, 1982).

Pode-se observar a função dos itens lexicais que compõem o *vocabulário 3* nos seguintes exemplos:

Exemplo 17:

“Eu escrevo aqui a respeito de uma característica moldada no decorrer da evolução dos seres vivos e que, tudo indica, continuará sendo a mesma coisa no futuro: o comportamento sexual.” (Veja, dez/2000, n. 52:72).

Exemplo 18:

“ Se as histórias sobre as atividades sexuais de John F. Kennedy forem verdadeiras, podemos concluir que ele usava o cérebro; caçou mulheres desejáveis, como Marylyn Monroe, tomou todos os cuidados e precauções para apagar suas pegadas (...) O ministro da Guerra inglês John Profumo também assumiu um risco calculado em seu caso com Christine Keeler (...) Os cautelosos Kennedy e Profumo contrastam com o autodestrutivo e fracassado candidato a presidente Gary Hart: ele certamente sabia que estava sendo vigiado pela imprensa

quando uma mulher atraente – que não era sua esposa – foi vista entrando em sua casa e saindo só na manhã seguinte.” (idem:73).

Exemplo 19:

“A solução desenvolvida por muitos animais é emitir um sinal que envolva um grau de risco tal que nenhum bicho fraco ousaria ou teria condições de exhibir.” (idem:75).

Nos exemplos (17), (18) e (19), os itens lexicais em negrito, além de possuírem conteúdo semântico, exercem uma função antecipatória, criando uma expectativa no leitor para a seqüência do texto. Esses itens lexicais, embora tenham o seu próprio sentido, auxiliam a formação das relações interfrásticas.

Os sinalizadores lexicais na abordagem teórica proposta por Tadros (1985, 1994), Motta-Roth (1997) e Araújo (1997), são determinados itens lexicais que funcionam como mecanismos de organização textual e são classificados em *enumeradores* e *antecipadores*,⁽⁶⁾ que constituem a noção de *antecipação* e, em categorias de *relato*, *recapitulação*,⁽⁷⁾ *hipoteticalidade* e *questionamento*.

Os *enumeradores* são substantivos cujos referentes são textuais e, como têm um sentido vago, requerem uma realização lexical que lhes especifique esse sentido. Considere-se o item lexical “*característica*” constante do exemplo (17). Esse sinalizador é vago e, portanto, demanda que no texto haja alguma informação que possa ser reconhecida como tal, que nesse exemplo corresponde a “*o comportamento sexual*”. Os *enumeradores* geralmente são substantivos plurais que vêm acompanhados de numerais exatos, como “*duas razões*”, ou inexatos, como “*vários fatores*” e “*muitos motivos*”.

Os *antecipadores* são mecanismos que possibilitam ao leitor prever a realização de um ato discursivo. Assim, quando o escritor afirma que “*podemos concluir*” e “*contrastam*” no exemplo (18), ele antecipa as informações que se seguem, ao mesmo tempo em que se compromete a apresentá-las.

A *categoria de relato* ocorre quando o escritor se distancia das proposições

⁶ Motta-Roth apresenta um estudo sobre enumeração e antecipação aplicado na língua portuguesa do Brasil, em *Parâmetros da Textualização* (1997).

⁷ Araújo apresenta um estudo sobre as categorias de relato e recapitulação, aplicado na língua portuguesa do Brasil, em *Parâmetros da Textualização* (1997).

apresentadas por serem atribuídas a outrem. Considere-se “*Alguém disse que um especialista é uma pessoa que sabe cada vez mais sobre cada vez menos*”, constante do exemplo (14). A partir do momento em que o escritor apresenta esse posicionamento que não é seu, ele estabelece um contexto para apresentar a sua própria avaliação sobre o tópico.

Segundo Tadros (*op.cit.*), há três formas de sinalizar essa categoria, que pode ser através do discurso direto, onde o escritor cita as palavras do autor; através do discurso indireto, no qual o escritor apresenta a idéia de outrem sem reproduzi-la diretamente; e através dos adjuntos de relato, que compreendem expressões como “*de acordo com*”, e “*segundo...*”

A *recapitulação*, como o próprio nome sugere, relembra uma informação já mencionada anteriormente no texto e é sinalizada por expressões como “*conforme mencionado anteriormente*”, “*acima*”, “*no capítulo 1*” e “*até aqui*”.

Outra categoria apresentada por Tadros (*op.cit.*) é a *hipoteticalidade*, que ocorre quando o escritor cria um mundo hipotético que lhe permite fazer generalizações sobre uma determinada situação. A *hipoteticalidade* pode ser sinalizada pelos verbos “*supor*”, “*imaginar*”, por *nomes próprios fictícios* e pelo condicional “*se*”.

A última categoria de sinalização refere-se aos *questionamentos*. Deve-se ressaltar que as perguntas constantes de um texto e consideradas sinalizadoras não são direcionadas a um possível leitor, porém, é através delas que o escritor pode antecipar uma série de obstáculos que estão relacionados ao entendimento do que ele se propõe a comunicar.

2.4. OS RÓTULOS

A utilização dos substantivos anafóricos como recurso lexical é tema do estudo proposto por Francis (1994, 1985), Grimm-Cabral (1998, 1994, 1992), Heberle (1997), que passam a denominá-los *rótulos (labels)*. Na verdade, todos os substantivos são rótulos, pois rotular é uma propriedade específica dessa classe de palavras, uma vez que dão nome aos objetos e aos conceitos.

Todavia, nessa abordagem, os substantivos adquirem uma nova dimensão, na medida em que não se referem apenas a um item lexical específico, mas funcionam como elementos de coesão interfrasal; resumem, reformulam e rotulam informações no texto; apresentam e qualificam o ponto de vista do escritor sobre uma determinada informação; e passam a serem vistos como sinalizadores de argumentatividade. Assim, eles são responsáveis pelas mudanças de tópicos e/ou alterações dentro de um mesmo tópico,

preservando a continuidade do texto, desde que organizam as informações novas que passam a ser acrescentadas na estrutura textual.

2.4.1. A Identificação dos Rótulos

Os rótulos são mecanismos de coesão lexical e apresentam características *anafóricas* quando se referem a uma informação e/ou parte do texto que o antecedeu; *catafóricas* quando apontam para o segmento posterior do texto, que contém novas informações; são considerados elementos de *referência*, porque não são interpretados pelo próprio sentido; de *repetição*, pois reiteram uma informação já apresentada; e de *substituição*, no sentido de que a palavra ou locução ocupa o lugar de todo um enunciado.

Os rótulos desempenham uma função organizacional no texto e são classificados como mecanismos de coesão lexical. Essa coesão, no entanto, não é realizada somente pelo substantivo, que é o seu núcleo, mas pela combinação de um substantivo associado a um item de referência definida.

Dentre esses itens, os mais comuns são os artigos definidos, pronomes demonstrativos, pronomes possessivos e expressões definidas como “*a opinião dos especialistas*” e “*o comentário acima*”.

O substantivo que compõe o rótulo pode combinar com o item de referência definida de duas maneiras: ele pode ser modificado por ela ou ser o seu complemento. Alternativamente, o substantivo pode ser modificado por um ou mais itens.

Exemplo 20:

“Inicialmente, as imagens, os diálogos, movimentos, cheiros, etc. são captados pelos sentidos. Há um arranjo no circuito cerebral, uma alteração na taxa dos disparos químicos entre os neurônios – as células que fazem a comunicação de dados no cérebro. Essa é a memória de curto prazo (a), que você usa rapidamente e esquece em seguida. (...) Para que você possa acionar um dado uma ou duas semanas depois de tê-lo captado, é preciso convertê-lo em memória de longo prazo. Esse trabalho (b) fica a cargo do hipocampo. É ele que entra em ação quando você decide...” (Superinteressante, ago/2000:51).

Em (20), os rótulos *a memória de curto prazo* e *esse trabalho* são exemplos de como eles podem ser constituídos: item de referência + substantivo, em (b) e como complemento do item de referência, em (a). Como pode-se observar, esses rótulos são metadiscursivos, desde que se referem ao próprio texto, contribuem para a sua organização, caracterizam as informações que os precedem e sinalizam a orientação argumentativa do escritor.

Pode se estabelecer uma relação entre os rótulos e a classe de substantivos genéricos identificada por Halliday & Hasan (1976:275), uma vez que os genéricos podem exercer, também, uma função coesiva “*porque um substantivo genérico é um caso limítrofe entre um item lexical (membro do sistema aberto) e um item gramatical (membro do sistema fechado).*”

Estes são alguns exemplos de substantivos genéricos categorizados por Halliday & Hasan (1976:27):

- *povo, pessoa, homem, mulher, criança, menino, menina (humano);*
- *criatura (não-humano animado);*
- *coisa, objeto (concreto inanimado);*
- *negócio, caso, assunto (abstrato inanimado);*
- *movimento (ação);*
- *lugar (lugar);*
- *pergunta, idéia (fato).*

De acordo com essa classificação, os rótulos parecem se enquadrar, particularmente, nas categorias *abstrato inanimado* e *fato*.

Os rótulos são compostos por um novo item lexical. Quando um substantivo é apenas uma repetição de um item lexical constante do segmento anterior do texto, ele não pode ser considerado parte integrante do rótulo.

Exemplo 21:

“Acontece que existem tipos diferentes de risco, que muitas vezes não provêm de pura estupidez, mas trazem consigo mensagens profundas.

O tipo de risco, que talvez seja menos surpreendente é aquele decidido a sangue-frio. Muitas pessoas – os investidores, por exemplo – vivem disso. Ao jogar na bolsa, eles não são estúpidos, autodestrutivos, nem desejam impressionar alguém. Querem apenas ganhar dinheiro e acreditam que com um comportamento prudente podem minimizar o risco e maximizar as chances de lucro.” (Veja, dez/2000, n. 52:73).

Em (21), o item lexical *risco* não pode ser classificado como rótulo, pois é apenas uma repetição lexical.

2.4.2. A Relação X –A e o Critério “*Dado – Novo*”

Para melhor entender o papel dos rótulos no texto, é interessante verificar a relação entre os trechos que são por eles ligados. Francis (1986) denomina o trecho que antecede o rótulo de *elemento X* e o que contém o rótulo de *elemento A*. A relação entre esses dois elementos designa-se *Relação X - A*.

Exemplo 22:

(Elemento X) “*Os membros da seita acordavam antes do nascer do sol. Permaneciam em silêncio e faziam suas preces até o momento que um mestre dividia as tarefas entre eles de acordo com a aptidão de cada um. Trabalhavam durante 5 horas em atividades como o cultivo de vegetais ou o estudo das Escrituras. Terminadas as tarefas, banhavam-se em água fria e vestiam túnicas brancas. Comiam uma refeição em absoluto silêncio, só quebrado pelas orações recitadas pelo sacerdote no início e no fim. Retiravam então a túnica branca, considerada sagrada, e retornavam ao trabalho até o pôr-do-sol. Tomavam outro banho e jantavam com a mesma cerimônia.*

(Elemento A) *Graças a essa organização toda, Qumran produzia tudo de que necessitava. A dieta era vegetariana. Os essênios tinham um enorme respeito pela natureza.”*
(Superinteressante, ago/2000:59).

O *elemento A* pode ser dividido em duas unidades de informação: uma delas é o rótulo, que no exemplo acima corresponde a *essa organização toda*, e a outra é a argumentação que o sucede.

O rótulo é, portanto, um item lexical novo que estabelece uma ponte entre o que foi dito no *elemento X*, que é por ele encapsulado, e o restante do *elemento A*, que deve ser apresentado como informação nova. Essa distinção entre o que foi dito e o que está por vir é denominada por Francis (*op.cit.*) de critério “*dado – novo*”.

No processo de compreensão do texto, o leitor ativa seus esquemas mentais, associando e integrando um novo conhecimento ao que ele já possui, tanto no nível lingüístico quanto no sociocultural.

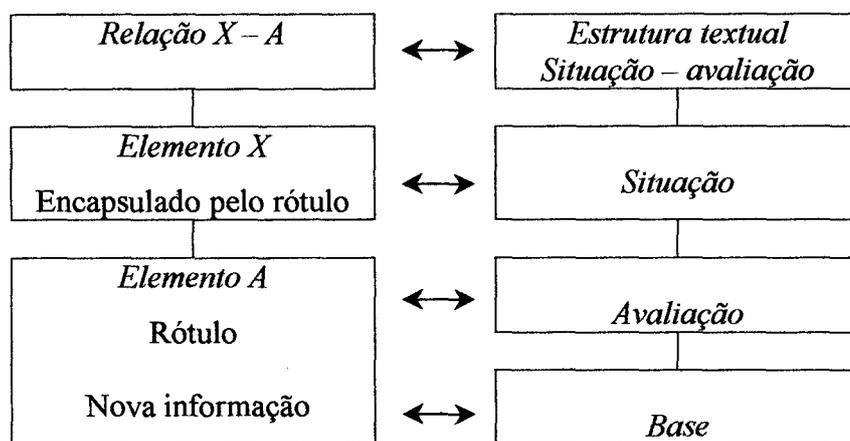
Exemplo 23:

“A água também era canalizada para os banhos rituais, que eles tomavam duas vezes ao dia para se redimir dos pecados e das impurezas do corpo. O ritual consistia em relatar todas as faltas e então submergir. Essa prática influenciou o batismo e a confissão dos católicos”. (idem).

Em (23), o rótulo *essa prática* leva o leitor a ativar seus esquemas mentais e associar a informação sobre os rituais purificadores praticados pelos essênios com os rituais católicos, no que se refere à redenção dos pecados.

Os rótulos podem auxiliar o leitor a localizar conceitos-chave que o ajudarão a relacionar o novo ao dado, a reconhecer o plano de intenções do escritor e a estrutura do texto, uma vez que eles se posicionam entre uma situação apresentada no *elemento X* e a sua respectiva avaliação, constante do *elemento A*, em conformidade com a estrutura textual *situação – avaliação* (apresentada em 2.3.1.2.). A correspondência entre a *relação X – A*, e a estrutura textual *situação – avaliação*, pode ser observada na figura abaixo:

Figura 08: Correspondência entre a *relação X – A* e a estrutura textual *situação – avaliação*



2.4.3. Os Rótulos e as Funções da Linguagem

Os rótulos têm a propriedade de apontar, geralmente, para as partes subseqüentes do texto, preparando o leitor para o que vai ser dito a seguir, indicando um quadro de referência para a informação posterior. O leitor antecipa o que vai ser dito porque o

texto anterior foi encapsulado (Francis 1994, 1986; Sinclair, 1994; Grimm-Cabral, 1998, 1992, Heberle, 1997) pelo rótulo.

A propriedade metadiscursiva do rótulo é exercida à medida que o escritor dele se utiliza para estabelecer as relações que estão presentes dentro do texto.

O discurso argumentativo é normalmente persuasivo. As proposições são constantemente avaliadas pelo escritor de acordo com suas crenças e objetivos. Assim, ele pode fazer uso de uma série de estratégias para convencer o leitor da lógica de um determinado argumento.

A escolha de um determinado rótulo é prerrogativa do escritor, que tem toda a liberdade de fazê-la, uma vez que ele está rotulando o seu próprio argumento. O leitor, por sua vez, pode concordar ou não com essa escolha mas, para fazer isso, ele deve transpor a lógica do discurso para argumentar com base em diferentes percepções de mundo.

Os rótulos, além de suas funções organizadoras, podem acrescentar algo novo ao argumento, sinalizando o posicionamento do escritor em relação ao que foi proposto no *elemento X*, realizando, dessa forma, as funções básicas da linguagem: a ideacional, a interpessoal e a textual.

Halliday & Hasan (1990:276) referem-se a essa tomada de posição quando da apresentação dos substantivos genéricos e afirmam que a expressão de sentido interpessoal é uma função importante desses substantivos e é através dela que o escritor assume o direito de representar o que ele está se referindo de uma maneira estritamente pessoal.

2.4.3.1. As Funções Ideacional e Interpessoal

O posicionamento do escritor pode ser observado quando ele rotula uma de suas proposições de “*idéia*”, “*assunto*”, “*fantasia*”, “*ilusão*”, “*problema*”, etc. Uma grande quantidade de rótulos transmitem um posicionamento de neutralidade, embora possam ter conotações positivas como, por exemplo, “*insight*”, “*realização*”, “*reconhecimento*”, “*verdade*”, ou negativas, como “*distorção*”, “*exagero*”, “*dívida*”. Entretanto, tanto as avaliações positivas quanto as negativas tendem a ser demonstradas mais pelos modificadores que compõem o rótulo do que pelo substantivo, que é o seu núcleo.

Todos os rótulos, além da função textual, desempenham tanto a função ideacional, na medida em que caracterizam o segmento que encapsulam, quanto a interpessoal, na medida em que o escritor, através deles, apresenta uma avaliação do que foi

por eles encapsulado. A função interpessoal é realizada mesmo em rótulos que apresentam um posicionamento de maior neutralidade.

Exemplo 24:

“Meca não chegava a ser uma capital porque o mundo árabe se organizava em tribos independentes. Não havia governo unificado nem religião própria. Muitos árabes eram cristãos. A maioria seguia doutrinas antigas, vindas do Egito e da Pérsia. A confusão espiritual era tão grande que, só em Meca, se adoravam 360 deuses. Parece que Maomé enxergou aí uma oportunidade. E tratou de vender entre os árabes uma postura contrária ao politeísmo.” (Superinteressante, ago/2000:29).

Exemplo 25:

“(...) Viu evangelhos nunca publicados e manuscritos originais de muitos santos e apóstolos, condenados a permanecer escondidos para sempre. De todas essas raridades, uma obra em especial lhe chamou a atenção. Era o Evangelho Essênio da Paz.” (idem:56).

Em (24), o rótulo *confusão espiritual* contribui para a organização textual, já que se refere a informações previamente apresentadas e indica como o escritor as interpreta, ou seja, com a escolha do substantivo *confusão* ele caracteriza e avalia as informações constantes do *elemento X* de forma negativa. Em (25), a utilização do substantivo *raridades* demonstra uma avaliação positiva em relação ao que foi encapsulado pelo rótulo.

O escritor, a partir do momento que escolhe um determinado rótulo, e não outros quaisquer, tem a possibilidade de sinalizar o seu posicionamento em relação às proposições que estão sendo apresentadas. Esse pode ser um dos motivos que pode levá-lo a preferir a utilização do mesmo ao invés de usar apenas um elemento de referência, como “*isso*”, constante do exemplo (03), ou uma repetição lexical, como o substantivo “*risco*”, no exemplo (21).

Uma outra razão pode estar relacionada com o fato de que os substantivos que compõem o rótulo podem ser modificados por uma grande variedade de itens lexicais que refletem, de maneira clara e objetiva, o posicionamento do escritor em relação à proposição apresentada.

Exemplo 26:

“Os casos da Holzmann e da Mannesmann ilustram até que ponto a Alemanha continua hostil à economia de mercado. A operação de resgate da Holzmann, uma construtora concordatária, no valor de US\$ 130 milhões, é simplesmente o mais recente exemplo da maneira alemã de fazer as coisas. Vista de fora, a operação de resgate é um anacronismo. Ela envia sinais errados aos investidores internacionais e aos parceiros da Alemanha na União Européia. Mas em casa, a decisão do chanceler Gerhard Schroeder obteve sucesso instantâneo, aplaudida por banqueiros, industriais, políticos opositoristas e pela imprensa.” (Folha de São Paulo, 03/Dez/99:2-6).

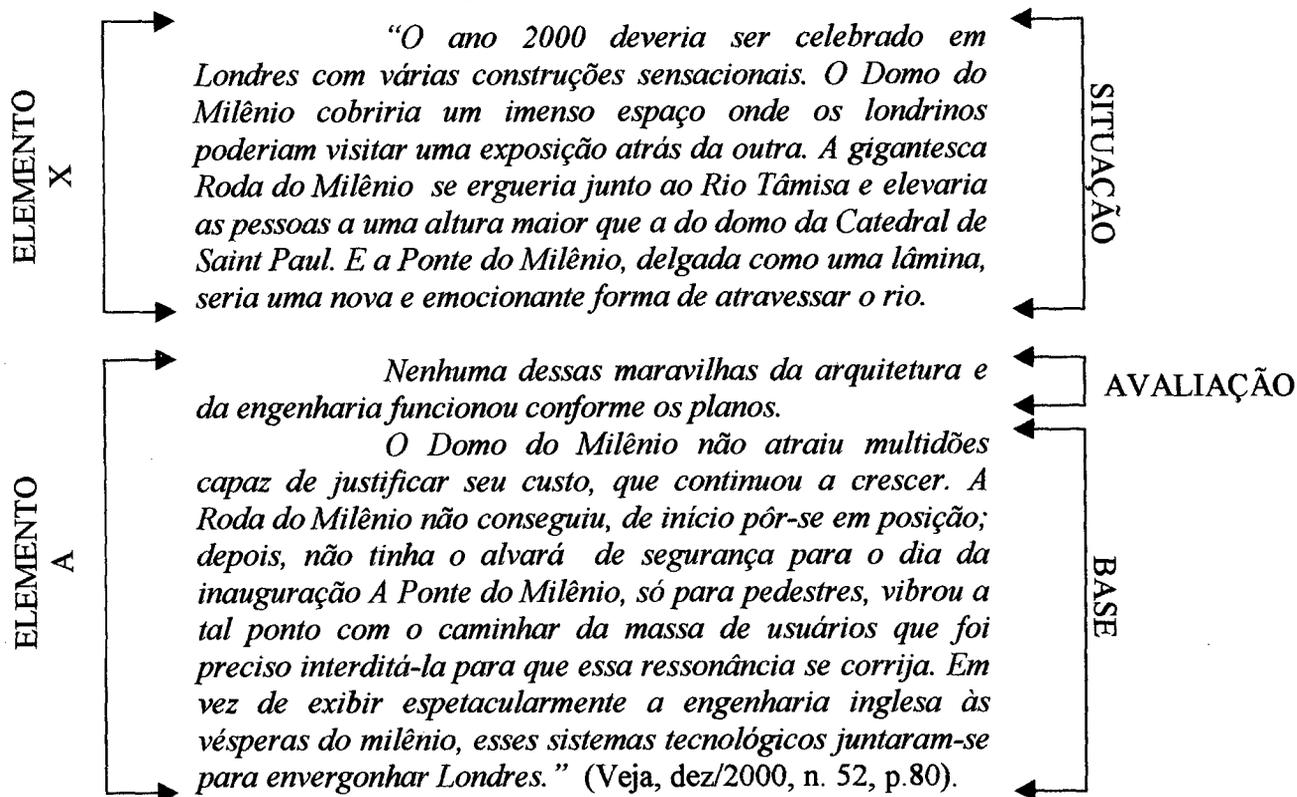
Em (26), o rótulo *o mais recente exemplo* desempenha as três funções da linguagem, na medida em que organiza as informações, caracteriza-as e avalia-as. O aspecto ideacional prevalece nesse rótulo, já que a caracterização da informação que o precede se sobrepõe ao caráter avaliativo, pertinente à função interpessoal.

2.4.3.2. A Função Textual

Os rótulos, independentemente de expressarem ou não o posicionamento do escritor, e desse posicionamento ser modificado ou não, exercem a função organizacional, à medida que o escritor deles se vale para sinalizar uma mudança de tópico ou uma mudança dentro de um mesmo tópico, assegurando a continuidade de sua argumentação.

A função textual dos rótulos é estabelecer um elo entre o que foi dito no *elemento X*, constante da *relação X - A* proposta por Francis (1986) e que corresponde ao elemento *situação* da estrutura textual *situação – avaliação* proposta por Winter (1986), que é encapsulado pelo rótulo. O rótulo faz parte do *elemento A*, bem como as novas informações que o sucedem. O *elemento A* corresponde ao *elemento avaliação* e a base para essa avaliação, na estrutura textual acima mencionada. Tal relação pode ser melhor observada, se considerarmos novamente o exemplo 13:

Transcrição do exemplo 13:

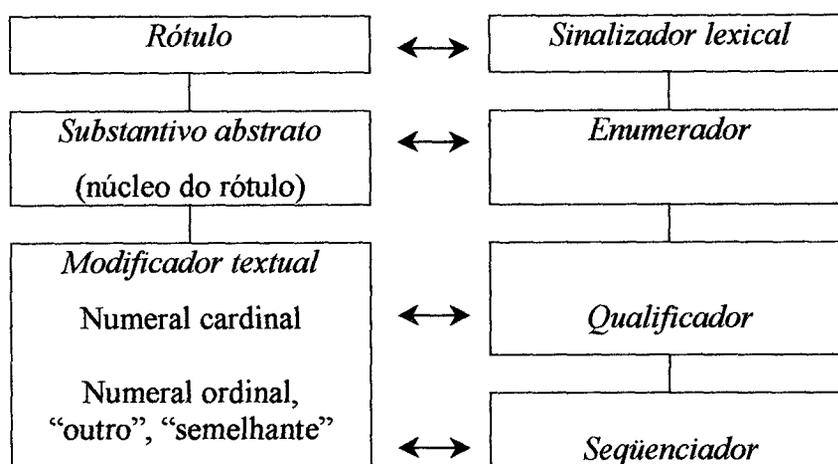


No exemplo acima, o primeiro parágrafo corresponde ao *elemento X*, da *relação X – A*, proposta por Francis (1986) e ao elemento *situação*, da estrutura textual *situação – avaliação*, proposta por Winter (1986). O segundo parágrafo corresponde ao *elemento A* da relação já mencionada e contém o rótulo *“nenhuma dessas maravilhas da arquitetura e da engenharia”*, que encapsula o que foi apresentado no *elemento X* e introduz novas informações. Se persistirmos na comparação entre as duas teorias, nesse segundo parágrafo *“Nenhuma dessas maravilhas da arquitetura e da engenharia funcionou conforme os planos”* corresponde ao elemento *avaliação* da estrutura textual já mencionada e o restante do parágrafo em questão corresponde à *base* para essa avaliação, que faz parte, também, dessa estrutura textual.

Com o intuito de completar e ampliar essa função organizacional dos rótulos, a utilização de um outro grupo de modificadores textuais pode ser incluída, tais como *“um outro”*, *“adicional”*, *“similar”*, *“mesmo”*, *“próximo”* e, numerais, como *“segundo”*, *“terceiro”*, *“último”*, que na verdade não acrescenta praticamente nada de novo no que se refere ao sentido proposicional ou de posicionamento do autor, mas garante a seqüência de vários pontos ou estágios da argumentação.

Podemos observar uma complementaridade entre a teoria proposta por Francis (1986) sobre os rótulos e a proposta por Tadros (1985) que se refere aos sinalizadores lexicais, uma vez que o substantivo abstrato que compõe o rótulo corresponde a um *enumerador*, enquanto que os modificadores textuais compostos de numerais cardinais correspondem aos *qualificadores*. Por outro lado, os numerais ordinais e itens lexicais como “*outro*” e “*semelhante*” que são classificados, também, como modificadores textuais por Francis (*op.cit.*) correspondem aos *seqüenciadores* na proposta de Tadros (*op.cit.*). A correspondência entre essas duas teorias pode ser observada na figura abaixo:

Figura 09: Correspondência entre os rótulos e os sinalizadores lexicais



Os modificadores textuais diferem dos modificadores ideacionais e interpessoais em dois aspectos relevantes. Primeiro, eles são sempre apresentados como informação nova, mesmo quando o restante do rótulo é apresentado como dado; segundo, os rótulos dos quais fazem parte não são correferentes com o segmento anterior do texto, ou seja, eles participam de cadeias similares e não idênticas.

Exemplo 27:

“Morar em Marte é um ideal da humanidade há décadas, apesar de o lugar ser um inferno. Imagine: o frio à noite chega a menos de 75 graus Celsius. O ar, composto de gás carbônico, é tão rarefeito que, se alguém andasse por lá em manga de camisa, sem traje espacial, sofreria uma descompressão tão bruta que estouraria. Apesar disso, é muito provável que venhamos mesmo a morar lá, e mais cedo do que imaginávamos.”

Há duas razões para essa confiança. A primeira é que as viagens espaciais não devem ficar muito mais tempo somente por conta de órgãos governamentais, como a Nasa. (...) O segundo motivo para acreditar que vamos habitar Marte é científico e ficou muito mais forte com o anúncio, este ano, de que ainda existe água correndo no subsolo, não muito abaixo da superfície do planeta.” (Superinteressante, n. 155:16).

Em (27), o rótulo *duas razões para essa confiança*, fornece uma orientação argumentativa para a leitura do texto, que é salientada pelo uso de *duas razões*. O leitor, a partir do rótulo, está ciente de que, para ser coerente com o que propôs, o escritor deverá apresentá-las. O escritor mantém sua proposta anterior e utiliza-se dos mecanismos coesivos quando se refere à primeira das razões, através da elipse, e à segunda, através substituição lexical, *razão por motivo* (sinonímia), ambos propostos por Halliday & Hasan (1990).

De acordo com Halliday & Hasan (*op.cit.*), um elemento de referência pode ser anafórico ou catafórico, porém, alguns rótulos que contêm modificadores textuais em sua composição desempenham as duas funções, a anafórica e a catafórica, simultaneamente. Tal processo pode ser observado através do exemplo acima, onde o rótulo “*duas razões para essa confiança*” pode ser dividido em dois segmentos de informação, que correspondem a “*duas razões*” e “*essa confiança*”. Enquanto o primeiro segmento “*duas razões*” é catafórico e aponta para o que se segue no texto, o segundo segmento “*essa confiança*” é anafórico e encapsula o que foi afirmado anteriormente. Temos, desse modo, as duas referências, a anafórica e a catafórica presentes em um mesmo rótulo.

2.4.4. Os Comparativos como Modificadores Textuais

Os rótulos têm a propriedade de apontar, geralmente, para as partes subseqüentes do texto, preparando o leitor para o que vai ser dito a seguir, indicando um quadro de referência para a informação posterior. O leitor antecipa o que vai ser dito porque o texto anterior foi encapsulado pelo rótulo.

Os comparativos de igualdade, superioridade ou inferioridade, bem como os superlativos exercem funções similares aos modificadores textuais, uma vez que eles permitem a seqüenciação das proposições apresentadas.

Exemplo 28:

“O iene subiu para 102,12 por dólar, contra 102,93 por dólar na sexta-feira. A moeda japonesa foi negociada a 103,58 ienes por euro, contra 104,33 ienes por euro, a cotação anterior. Para o próximo ano, o mercado estima que o iene estará sendo negociado a 100 por dólar.

Na sexta-feira, o iene recuou para seu nível mais baixo ante o dólar em uma semana, depois que o banco central interveio no mercado vendendo ienes em troca de dólares.

No total, o BC japonês gastou mais de US\$ 42 bilhões neste ano para deter a alta da moeda.” (Folha de São Paulo, 28/Dez/99: 2-2).

Em (28), o substantivo *nível* encapsula o segmento anterior, onde a variação da cotação do iene é apresentada, e o modificador *mais baixo* permite ao leitor estabelecer uma relação comparativa entre as escalas de valores apresentada no *elemento X* e a nova informação constante do *elemento A*.

2.4.5. Os Rótulos com Características Metafóricas

As metáforas, também, podem exercer a função de rótulos. Grimm-Cabral (1994) propõe um estudo sobre a utilização de rótulos metafóricos em textos informativos e afirma que, quando as metáforas exercem uma função organizacional, apresentam a propriedade de encapsulamento e denotam o posicionamento do escritor ante uma proposição apresentada, elas podem ser consideradas rótulos.

Exemplo 29:

“Segundo o estudo, só se o nível de endividamento continuasse no patamar atual é que a economia continuaria crescendo, numa média anual de 1,8% no período projetado (para comparar: o PIB cresceu 3,9% no segundo trimestre, em termos anualizados).

Os autores acham, no entanto, que esse é o cenário menos provável porque implicaria elevar, no período projetado, a proporção da dívida em relação à renda, de um vez e meia para duas vezes.” (Folha de São Paulo, 10/Nov/99:2-12).

Em (29), *cenário* é um rótulo com propriedades metafóricas, desde que encapsula, através de uma metáfora, as informações contidas nas sentenças anteriores e exerce função coesiva como complemento do item de referência *esse*.

3. A PESQUISA E SUA METODOLOGIA

A comunicação humana se realiza através de textos, tanto orais quanto escritos, que apresentam uma mesma característica imprescindível a todo e qualquer ato comunicativo: a intenção de dizer algo a alguém.

Considerando que as palavras e as frases não têm o mesmo sentido em todas as situações em que são usadas e que a compreensão de um texto depende da capacidade do leitor em construir o seu sentido, o conhecimento do léxico é crucial para a sua interpretação, desde que o escritor faz a sua escolha para alcançar o leitor, a quem o seu texto se destina.

O leitor, no intuito de compreender e adquirir novos conhecimentos, deve considerar a relevância da informação, o conhecimento do léxico e as relações interfrásticas realizadas através de mecanismos de coesão.

Quando da construção de um texto sobre determinados assuntos, como os relacionados com política, economia, esporte e cultura, além de serem elaborados com vocábulos específicos de cada uma dessas áreas, supõe-se que as suas relações interfrásticas sejam feitas, também, através de rótulos, cuja escolha e frequência são determinadas pelo próprio assunto no qual estão inseridos.

Se o assunto determina a escolha do léxico e, conseqüentemente, interfere nas relações interfrásticas, construídas a partir dos rótulos, em cada um desses assuntos serão encontrados alguns rótulos com maior frequência que em outros.

Os rótulos, conforme propostos por Francis (1986, 1994), Grimm-Cabral (1992, 1994, 1998) e Herberle (1997), além de possuírem características coesivas e serem organizadores textuais, apresentam um caráter metadiscursivo e encapsulador.

Com a intenção de verificar a frequência com que algumas categorias de rótulos são utilizadas, observar sua constituição e determinar as funções que exercem (ideacional - textual - interpessoal), o levantamento de dados a serem analisados obedeceu aos seguintes critérios.

3.1. SELEÇÃO DE RÓTULOS

Ciente de que os rótulos são compostos de um substantivo, que é o seu núcleo, e de um item de referência definida que, segundo Francis (1986), geralmente é um pronome demonstrativo, foi efetuado um levantamento dos pronomes *este(s)*, *esta(s)*, *esse(s)*, *essa (s)*, *aquele (s)*, *aquela(s)*, automaticamente, com o auxílio do programa software *Wordsmith*, em 161 textos relativos à cultura, economia, esporte e política, publicados no *CD-ROM – Folha Edição 2000*, da Folha de São Paulo, no período de 01 a 31 de dezembro de 1999, assim distribuídos:

Figura 10: Distribuição dos textos para a seleção dos rótulos

ASSUNTO	Nº DE TEXTOS
Cultura	33
Economia	60
Esporte	28
Política	40
TOTAL	161

Essa busca iniciou-se com o comando “*Concordance*”, e as seleções determinadas foram *est**, *ess**, e *aquel**, considerando cinco palavras à direita e cinco à esquerda, conforme pode ser observado no capítulo 7 que contém exemplos da aplicação desse programa.

Para a concordância *est**, registrou-se 671 ocorrências, sendo que dessas , 641 eram verbos, substantivos e adjetivos e, somente 30, pronomes demonstrativos. Dentre essas 30 ocorrências, 6 desempenhavam função coesiva endofórica e as 24 restantes referiam-se a coesivos exofóricos, utilizados em expressões temporais tais como, “*este ano*”, “*este mês*”, “*esta semana*”.

Para a concordância *ess**, obteve-se 120 ocorrências, sendo que 118 delas eram pronomes demonstrativos com funções coesivas endofóricas e 2 eram advérbios.

Para a concordância *aquel**, obteve-se 7 ocorrências, sendo que 6 delas com a função coesiva endofórica e 1 exofórica.

De posse desses dados, realizou-se uma análise dos substantivos que acompanhavam esses pronomes demonstrativos. Os que apresentaram uma maior incidência foram:

Figura 11: Seleção de substantivos abstratos para composição dos rótulos

SUBSTANTIVO	OCORRÊNCIAS EM DEZEMBRO/99
Assunto	165
Problema	56
Processo	46
Idéia	43
Situação	33

Como o substantivo “*assunto*”, na maioria das ocorrências, estava relacionado ao tópico desenvolvido no texto e, portanto, não apresentava características relativas aos rótulos, ele foi excluído, passando-se a considerar os que se seguiam. Assim, os substantivos selecionados para exercer a função de núcleo do rótulo seriam: “*problema*”, “*processo*”, “*idéia*” e “*situação*”.

3.2. CORPUS

O conjunto de textos escritos que constitui o corpus para análise dos rótulos, objeto desse estudo, foi publicado no jornal Folha de São Paulo e é composto de 1.122 textos relativos à economia, política, cultura e esporte, no período de julho a dezembro de 1999, constantes do CD-ROM Folha - Edição 2000, desse jornal, assim distribuídos:

Figura 12: Distribuição de textos para análise dos rótulos

ASSUNTO	N. DE TEXTOS
Cultura	184
Economia	363
Esporte	107
Política	468
Total	1.122

Com a utilização desse corpus pretende-se conferir uma fundamentação empírica ao estudo a ser realizado, através da comparação entre os princípios teóricos propostos por Francis, Grimm-Cabral e Heberle (*op.cit.*) e a prática real de um determinado uso da interação linguística social no que se refere à língua portuguesa do Brasil.

Conforme mencionado anteriormente, a opção por textos jornalísticos apóia-se, principalmente, no fato de que eles representam uma norma lingüística institucionalmente aceita que, se não é literária, também não resvala para o coloquial. A preferência pela Folha de São Paulo foi determinada pela significativa atuação que esse jornal exerce no contexto nacional.

Considerando que a escolha do léxico está intimamente relacionada com o propósito da mensagem e que um dos objetivos desse estudo é observar a frequência na utilização dos rótulos em diferentes assuntos, optou-se por todos os textos sob os títulos *política, economia, esporte e cultura*, que, além da notícia propriamente dita, reúnem também os editoriais, cujas características são condizentes com o tipo de texto argumentativo que, além da função argumentativa, estão relacionados com a formação de opinião pública.

3.3. ESTRATÉGIAS PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Partindo-se do pressuposto que o escritor, quando da construção de seu texto, escolhe itens lexicais pertinentes ao tema a ser por ele desenvolvido e que a frequência de um determinado rótulo está relacionada com essa escolha, os rótulos *idéia, situação, problema e processo* serão observados individualmente em cada um dos assuntos preestabelecidos. Em seguida, pretende-se comparar esses itens lexicais e as ocorrências em que eles exercem a função de rótulos.

Outro aspecto a ser observado refere-se à composição dos rótulos. Nessa etapa da análise o objetivo é agrupá-los observando as suas características, obedecendo a proposta de Francis (1986), que os classifica em rótulos como complemento de um item de referência definida e rótulos modificados por um item de referência definida. Em seguida, pretende-se verificar quais são os itens de referência definida que normalmente fazem parte dos rótulos na língua portuguesa do Brasil

Uma outra observação a ser feita em relação à composição dos rótulos refere-se aos modificadores e qualificadores, bem como os comparativos e superlativos que deles fazem parte.

Finalmente, pretende-se verificar os rótulos e as funções de linguagem, para determinar a importância de seu uso na estrutura textual e no estabelecimento das relações interfrásticas.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1. A FREQUÊNCIA DOS RÓTULOS

Ciente de que o rótulo é composto, a princípio, de um item de referência definida e de um substantivo, depois de determinados os itens lexicais *idéia*, *situação*, *problema* e *processo* como núcleos dos rótulos, partiu-se para a análise de todas as ocorrências desses substantivos, com o auxílio do programa Microsoft Word, através do comando *localizar*, com o intuito de verificar os que exerciam, realmente, essa função, em todos os textos sob os títulos *política*, *economia*, *esporte* e *cultura*.

A partir da localização dos itens lexicais pré-estabelecidos, eles foram selecionados e classificados, considerando-se os assuntos individualmente, obtendo-se os seguintes resultados:

4.1.1. Assunto: Esporte

Dos itens lexicais *idéia*, *situação*, *problema* e *processo*, analisados nos 107 textos sob o título *Esporte*, o que apresentou a maior frequência exercendo a função de rótulo foi *idéia*, representando 50% das ocorrências, seguido de *situação*, com 20% e *problema* com 14%. Quanto ao item lexical *processo*, com apenas 2 ocorrências, nenhuma delas apresentou essa função específica, conforme pode ser observado na figura 13, que resume a distribuição dos rótulos nesse assunto:

Figura 13: Distribuição dos rótulos no assunto *Esporte*

	QUANTIDADE		% RÓTULO
	Item Lexical	Rótulo	
Idéia	10	05	50%
Situação	10	02	20%
Problema	14	02	14%
Processo	02	-	-

4.1.2. Assunto: Cultura

Dos itens lexicais *idéia*, *situação*, *problema* e *processo*, analisados nos 184 textos sob o título *Cultura*, o que apresentou a maior frequência exercendo a função de rótulo foi *problema*, representando 56% das ocorrências, seguido de *idéia*, com 39%, *processo*, com 33% e, finalmente, *situação*, com 25% das ocorrências exercendo essa função específica, conforme pode ser observado na figura 14, que resume a distribuição dos rótulos nesse assunto:

Figura 14: Distribuição dos rótulos no assunto *Cultura*

	QUANTIDADE		% RÓTULO
	Item Lexical	Rótulo	
Idéia	36	14	39%
Situação	08	02	25%
Problema	18	10	56%
Processo	27	09	33%

4.1.3. Assunto: Economia

Dos itens lexicais *idéia*, *situação*, *problema* e *processo*, analisados nos 363 textos sob o título *Economia*, o que apresentou a maior frequência exercendo a função de rótulo foi *processo*, representando 31% das ocorrências, seguido de *idéia*, com 25%, *situação*, com 20% e, finalmente, *problema*, com 16% das ocorrências exercendo essa função específica, conforme pode ser observado na figura 15, que resume a distribuição dos rótulos nesse assunto:

Figura 15: Distribuição dos rótulos no assunto *Economia*

	QUANTIDADE		% RÓTULO
	Item Lexical	Rótulo	
Idéia	61	15	25%
Situação	118	24	20%
Problema	146	23	16%
Processo	96	30	31%

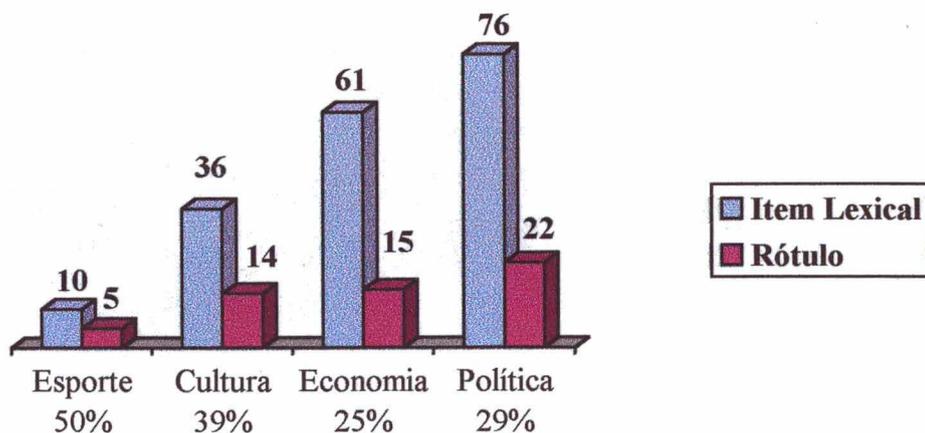
4.1.4. Assunto: Política

Dos itens lexicais *idéia*, *situação*, *problema* e *processo*, analisados nos 468 textos sob o título *Política*, o que apresentou a maior frequência exercendo a função de rótulo foi *idéia*, representando 29% das ocorrências, seguido de *situação*, com 24%, *problema*, com 22% e, finalmente, *processo*, com 20% das ocorrências exercendo essa função específica, conforme pode ser observado na figura 16, que resume a distribuição dos rótulos nesse assunto:

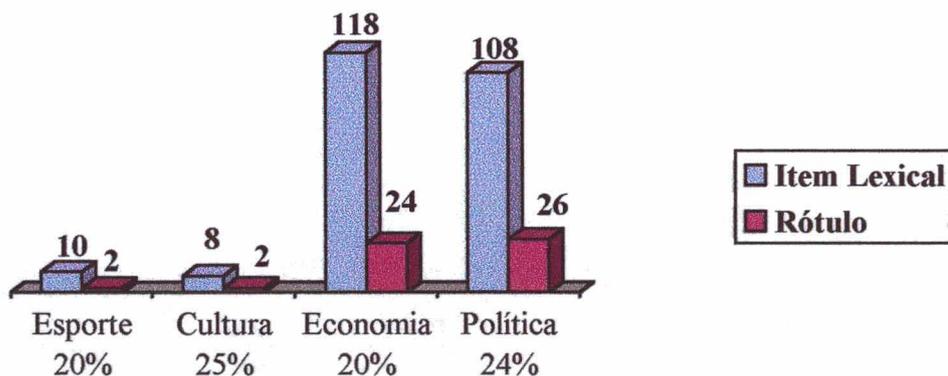
Figura 16: Distribuição dos rótulos no assunto *Política*

	QUANTIDADE		% RÓTULO
	Item Lexical	Rótulo	
Idéia	76	22	29%
Situação	108	26	24%
Problema	171	38	22%
Processo	108	22	20%

Como pode se observar, a quantidade de rótulos é significativa em proporção aos itens lexicais e se fazem presentes em todos os assuntos, com maior ou menor intensidade. A diferença, entre a quantidade de itens lexicais e dos que exercem a função de rótulos, pode ser melhor observada se examinarmos o gráfico abaixo, que representa a distribuição do rótulo *idéia* nos vários assuntos. Embora a quantidade do item lexical *idéia* seja menor no assunto *esporte* é lá que se concentra o maior percentual desse item exercendo a função de rótulo, que corresponde a 50%, seguido do assunto *cultura*, com 39%, do assunto *política* 29%, e do assunto *economia*, com 25%.

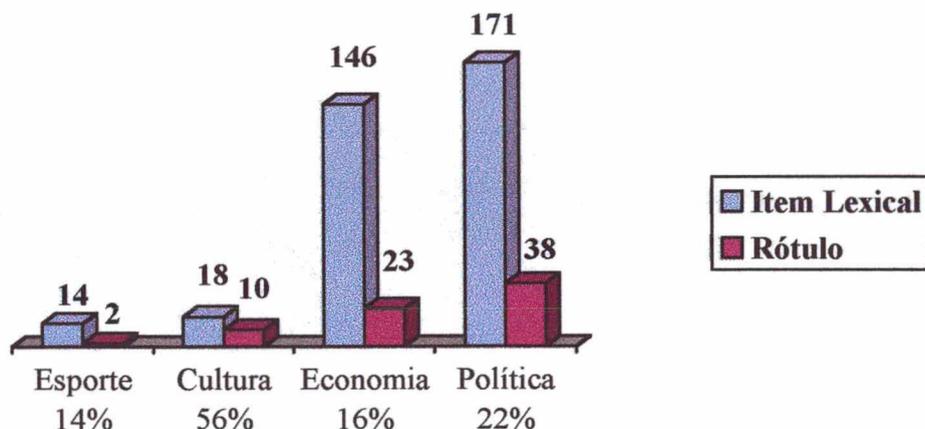
Figura 17: Gráfico com a distribuição do rótulo *idéia* nos vários assuntos

A distribuição do rótulo *situação* nos diversos assuntos pode ser observada na figura 18, abaixo. Embora haja uma grande diferença entre o número de itens lexicais em cada um deles, a diferença do percentual dos que exercem a função de rótulo é mínima, uma vez que no assunto *cultura* eles representam 25%, no assunto *política* 24%, e nos assuntos *esporte* e *economia* 20%.

Figura 18: Gráfico com a distribuição do rótulo *situação* nos diversos assuntos

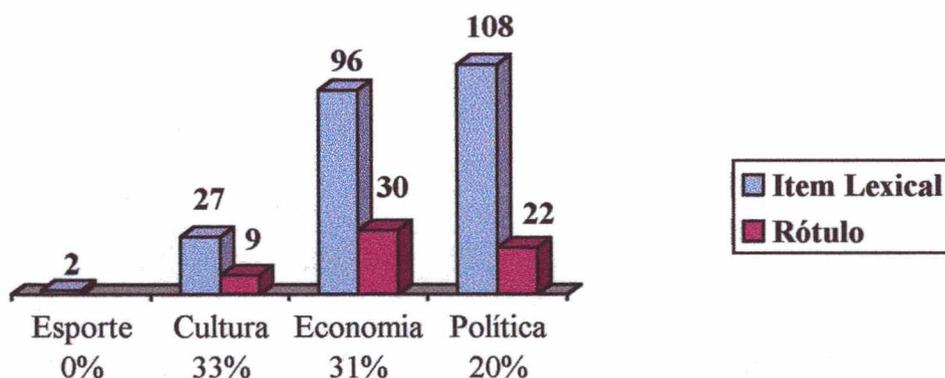
A relação item lexical – rótulo *problema* pode ser observada na figura 19, onde esse item lexical está distribuído nos diversos assuntos e, embora a maior quantidade desse item esteja concentrada nos assuntos *política*, com 176 itens, e *economia*, com 146 itens, o percentual de rótulos é mais significativo no assunto *cultura*, com 56% das ocorrências; seguido por *política*, com 22%; *esporte*, com 14%; e *economia*, com 16%.

Figura 19: Gráfico com a distribuição do rótulo *problema* nos diversos assuntos



A distribuição do rótulo *processo* nos diversos assuntos, que é representada na figura 20, permite afirmar que a maior incidência do rótulo *processo* em relação ao mesmo item lexical ocorre no assunto *cultura*, com 33%, seguida de *economia*, com 31%, *política* com 20%. Não houve ocorrência desse rótulo no assunto *esporte*.

Figura 20: Gráfico com a distribuição do rótulo *processo* nos vários assuntos



Pode-se deduzir, a partir dos dados analisados relativos à frequência dos rótulos, que a quantidade de rótulos pode estar relacionada com a especificidade de cada um dos assuntos em que estão inseridos e/ou pela própria característica dos rótulos que, além de exercerem a função textual, caracterizam o segmento que encapsulam e a sua escolha é prerrogativa do escritor, que rotula o próprio texto. Assim, justifica-se a diferença relativa à frequência de um determinado rótulo em relação a um outro, em cada um dos assuntos

analisados, conforme pode ser observado na figura abaixo, onde os rótulos estão dispostos em ordem decrescente:

Figura 21: Frequência dos rótulos em cada um dos assuntos

Assunto	Esporte	Cultura	Economia	Política
Rótulo	Idéia	Problema	Processo	Idéia
	Situação	Idéia	Idéia	Situação
	Problema	Processo	Situação	Problema
	Processo	Situação	Problema	Processo

Através da figura 21, pode-se visualizar a frequência dos rótulos *idéia*, *situação*, *problema* e *processo* nos assuntos *esporte*, *cultura*, *economia* e *política*, o que nos permite constatar que um mesmo rótulo não mantém a mesma distribuição relativamente ao item lexical em cada um dos assuntos em que foram observados. No assunto *esporte*, a maior ocorrência foi do rótulo *idéia*, seguido de *situação*, *problema* e *processo*; no assunto *cultura*, a maior ocorrência foi do rótulo *problema*, seguido de *idéia*, *processo* e *situação*; no assunto *economia*, a maior ocorrência foi do rótulo *processo*, seguido de *idéia*, *situação* e *problema*; e, finalmente, no assunto *política*, a maior ocorrência foi do rótulo *idéia*, seguido de *situação*, *problema* e *processo*.

Todavia, a diferença entre o número de itens lexicais e a quantidade dos mesmos exercendo a função de rótulos pode, também, estar diretamente relacionada com a estrutura textual, considerando-se que os itens lexicais permeiam toda a superfície textual, enquanto que os rótulos estão restritos aos elementos *avaliação* e/ou *base para a avaliação* (geralmente os rótulos compostos por modificadores textuais), constantes da estrutura textual *situação – avaliação*, proposta por Winter (1986), e comentada em 4.3.1.

4.2. A COMPOSIÇÃO DOS RÓTULOS

O rótulo é um mecanismo de coesão lexical; todavia, essa coesão não é realizada apenas pelo substantivo, que é o seu núcleo, mas pela associação desse substantivo a um item de referência definida.

O substantivo que compõe o rótulo pode combinar com o item de referência definida de duas maneiras distintas: é modificado por ela ou é o seu complemento.

Ciente da necessidade de observar a composição dos rótulos, eles foram classificados, de acordo com as suas especificidades, na medida em que iam sendo identificados, com o auxílio do programa Microsoft Word, através do comando *localizar*.

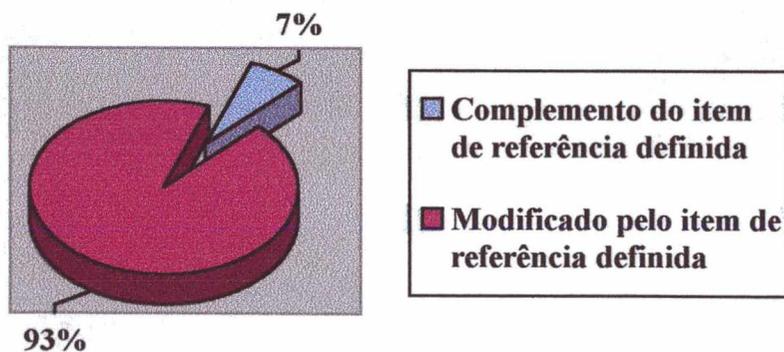
Para tal classificação, observou-se as seguintes propriedades: rótulo como complemento do item de referência definida: (*com.ref*); rótulo modificado pelo item de referência definida: artigo + núcleo (*art;nuc*); demonstrativo + núcleo: (*dem;nuc*); possessivo + núcleo (*poss;nuc*); núcleo + expressão de referência definida: (*nuc;exp*); elipse do item de referência definida: (*nuc*). Essa classificação pode ser observada na figura 22:

Figura 22: Quadro com a classificação dos rótulos

Rótulo como complemento do item de referência definida	(<i>comp.ref</i>)
Rótulo modificado pelo item de referência definida:	
Artigo + núcleo	(<i>art;nuc</i>)
Demonstrativo + núcleo	(<i>dem;nuc</i>)
Possessivo + núcleo	(<i>poss;nuc</i>)
Núcleo + expressão de referência definida	(<i>nuc;exp</i>)
Elipse do item de referência definida	(<i>nuc</i>)

Com o intuito de verificar a composição dos rótulos, eles foram observados, não individualmente, nem por assunto, porém, na sua totalidade, sendo que dos 244 rótulos analisados, 227 deles são modificados pelos itens de referência definida, o que equivale a 93% e 17 são complementos desses itens, o que equivale a 7%, como pode ser observado no gráfico abaixo:

Figura 23: Gráfico com a distribuição da composição dos rótulos



4.2.1. O Rótulo como Complemento do Item de Referência Definida

Conforme mencionado anteriormente, o substantivo que compõe o rótulo pode ser o complemento de um item de referência definida, como nos exemplos que se seguem:

Exemplo 30:

*“Fariamos o acordo com o Fundo para mudar o regime cambial. Isso era o que estava combinado. Acontece que veio o grampo no BNDES e as pessoas que estavam se preparando para fazer a transição saíram. O presidente da República ficou sem a equipe que tinha e manteve a política. Só que em janeiro estourou tudo e aí a mudança foi feita de forma atabalhoada. Foi **um problema seríssimo. (comp.ref.)** Estamos hoje, graças a Deus, libertos dessa amarra do câmbio fixo.”* (Folha de São Paulo, 26/12/99, p.1010).

Exemplo 31:

“A Assembléia havia aprovado decreto que a colocava como “poder supremo”, o que significa supremacia em relação aos três poderes do Estado.

Na semana passada, os constituintes aprovaram “emergência judicial”, que permitia à assembléia reorganizar o Poder Judiciário. Anteontem, a Corte Suprema do país aceitou a decisão, o que provocou a renúncia da presidente do órgão, Cecilia Sosa.

O decreto de ontem, chamado “Regulação das Funções do Poder Legislativo”, diz que as atividades do Congresso se limitam às comissões delegada (encarregada das relações com a constituinte), de Finanças e de Controladoria.

*‘Esse é **um belo processo (comp.ref.)** que não ocorreu em nenhum lugar. O que estamos fazendo servirá de exemplo para a América Latina e o mundo’ disse o vice-presidente da constituinte, Aristóbulo Istúriz.”* (Folha de São Paulo, 26/08/99, p. 1-17).

Os exemplos acima ilustram a utilização dos rótulos como complemento de referência definida, que é elíptica em (30); e um pronome demonstrativo em (31).

Dos rótulos analisados, 17 deles se enquadram nessa classificação, ou seja, o núcleo do rótulo é o complemento de um item de referência definida, que pode ser um

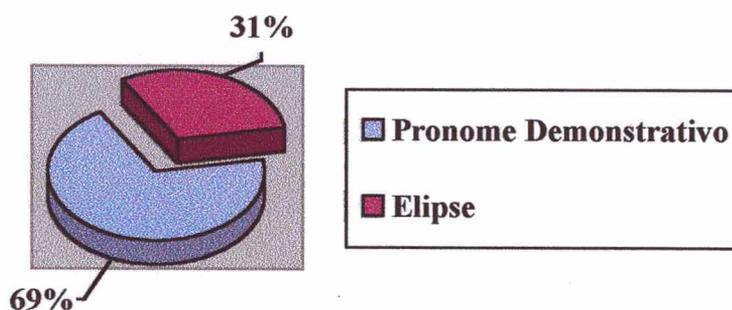
pronome demonstrativo, expresso na superfície textual ou elíptico. Dos itens de referência definida expressos na superfície textual, 10 ocorrências são dos pronomes demonstrativos *esse(s)*, *essa(s)*; e 1 ocorrência do demonstrativo *isso* e *este*. No caso de elipse, houve 5 ocorrências. Essa distribuição pode ser observada na figura 24.

Figura 24: Quadro com a distribuição dos itens de referência definida cujos rótulos são seus complementos

Item de Referência Definida	Quantidade
Esse(s), essa (s)	10
Isso	1
Este	1
Elipse	5

Como pode se perceber, os pronomes demonstrativos representam a maioria dos itens de referência definida, com 69% das ocorrências e as elipses, com 31%. Tal distribuição pode ser observada na figura 25.

Figura 25: Gráfico com a distribuição dos itens de referência definida



Considerando que os rótulos são formados, a princípio, por um item de referência definida e um substantivo abstrato que é o seu núcleo; que esse item de referência definida pode ser um pronome demonstrativo, possessivo, artigo definido ou uma expressão de referência definida; que 69% dos itens de referência definida que compõem os rótulos que são classificados como *rótulos como complemento de um item de referência definida* são os pronomes demonstrativos *esse(s)*, *essa (s)* e *isso*; procuramos substituir as ocorrências de elipse, que correspondem a 31% desses rótulos, pelos itens de referência definida, para verificar quais deles seriam os mais apropriados para substituí-las. Para exemplificar, consideremos a elipse em “*Foi um problema seríssimo*”, constante do exemplo (30), onde

procuramos substituí-la por um artigo definido: “*O foi um problema seríssimo”; por um possessivo: “*Seu foi um problema seríssimo”; por uma expressão de referência definida: “*Do presidente foi um problema seríssimo”; e pelos demonstrativos: “*Tal foi um problema seríssimo”; “*Mesmo foi um problema seríssimo”; “*Aquele foi um problema seríssimo”; “*Este foi um problema seríssimo” “*Isso foi um problema seríssimo”; e “*Esse foi um problema seríssimo”.

A partir dessa observação, pode-se constatar que os artigos definidos, as expressões de referência definida, os pronomes possessivos e os demonstrativos *tal* e *mesmo* não devem ser utilizados na composição dos rótulos como complemento de uma referência definida, uma vez que resultam em sentenças agramaticais. Quanto aos demais pronomes demonstrativos, embora resultem em sentenças gramaticalmente corretas, deve-se descartar a possibilidade da utilização do demonstrativo *aquele*, considerando as características específicas dos rótulos, que encapsulam o segmento que os antecede no texto. Por outro lado, os demonstrativos *esse* e *este* podem compor esse tipo de rótulo, porém, devido às suas especificidades, deve-se observar o não comprometimento semântico do texto. Todavia, o demonstrativo *isso*, que possui características mais genéricas, pode vir a ser usado em todas as substituições das elipses, preservando o conteúdo semântico do texto.

4.2.2. O Rótulo Modificado pelo Item de Referência Definida

Francis (1986) afirma que, quando o substantivo que compõe o núcleo do rótulo é precedido por um item de referência definida, ele é modificado por esse item de referência, que pode ser um artigo definido, um pronome demonstrativo, um pronome possessivo, ou uma expressão definida, conforme exemplos abaixo:

Exemplo 32:

“No sábado, os menemistas voltaram a irritar Duhalde. Enquanto o candidato participava de um dos seus maiores comícios, em frente à Casa Rosada, o presidente se reunia com sindicalistas em Mar del Plata, o balneário mais famoso da Argentina. Na ocasião, apareceram os primeiros adesivos com a frase que reconfirma a vontade de Menem de ocupar pela terceira vez a Quinta de Olivos (casa oficial do presidente argentino).”

Menem disse que a idéia (art;nuc) não partiu dele. 'Foram os rapazes' afirmou ele, referindo-se aos sindicalistas." (Folha de São Paulo, 20/10/99, p.1-14).

Exemplo 33:

"4) Ministério da Integração Nacional: objetivo é promover o crescimento equilibrado, dando atenção especial às regiões amazônica, Nordeste e Centro-Oeste. 'Tenho de há muito essa idéia (dem;nuc). Não se trata de inchar uma secretaria existente, trata-se de enfrentar um desafio', disse FHC. O ministério vai coordenar os órgãos de desenvolvimento regional e gerir os fundos constitucionais. Segundo o presidente, essas instituições regionais." (Folha de São Paulo, 17/07/99, p.1-5).

Exemplo 34:

"Sua análise de "sistemas-mundo" é uma tentativa de ver o sistema capitalista como um todo, entendendo que não se trata de uma colcha de retalhos de Estados nacionais autônomos, mas de um sistema unificado e altamente hierarquizado, que surgiu muito antes de fábricas e navios a vapor. É de Wallerstein a famosa separação do mundo entre os países de centro e de periferia e a constatação de que estes sofriam com os termos desiguais de comércio praticados por aqueles. Suas idéias (poss;nuc) vêm ajudando a derrubar alguns dos axiomas pelos quais (sobre)vivemos: a crença na utilidade do Estado-nação como ferramenta de melhoria de posição na escala das coisas..." (Folha de São Paulo, 17/10/99, p.5-9).

Exemplo 35:

"O empresário Luiz Roberto Mesquita, presidente da Associação Comercial e criador da Associação Guarulhense para a Defesa da Cidadania, aponta a proximidade de Guarulhos com a capital como um dos fatores para a política clientelista. Segundo ele, boa parte da população guarulhense apenas dorme na cidade e passa o dia na capital. Por isso, a política local não tem grande repercussão. 'A cidade tem grande arrecadação, mas é pobre em qualidade de vida. Assim, pessoas oportunistas investem em bairros pobres e entram na política com a intenção de ganhar dinheiro, não de resolver os problemas' afirmou Mesquita.

O bispo da cidade, dom Luiz Gonzaga Bergonzini, compartilha as idéias de Mesquita(art;nuc;exp). E aponta outro motivo para a “alienação política” de Guarulhos: a falta de grandes meios de comunicação.” (Folha de São Paulo, 09/10/99, p.3-1).

Os exemplos acima ilustram a utilização de rótulos modificados por itens de referência definida, que é um artigo definido em (32); um pronome demonstrativo em (33); um pronome possessivo em (34); e uma expressão de referência definida em (35).

Dos 227 rótulos compostos por um item de referência definida e um substantivo, seguidos ou não de um modificador ou qualificador, 135 desses itens são artigos definidos *o(s)*, *a(s)*; 66 são os pronomes demonstrativos *esse(s)*, *essa(s)*; 1 é o demonstrativo *mesmo*; 5 são os demonstrativos *tal*; 2 são os demonstrativo *esta*; 3 são os possessivos *seu(s)* *sua(s)*; 1 é uma expressão de referência definida; e 14 são elipses. Tal resultado pode ser observado na figura 26.

Figura 26: Quadro com a distribuição dos itens de referência definida que compõem os rótulos modificados por esses itens

Item de Referência Definida	Quantidade
O(s), a(s)	135
Esse(s), essa(s)	66
Mesma	1
Tal	5
Esta	2
Seu(s), sua(s)	3
Expressão definida	1
Elipse	14

Como pode se observar, é maior a incidência dos rótulos compostos de um artigo + substantivo, com 135 ocorrências; seguidos de um demonstrativo + substantivo, com 74 ocorrências; de um possessivo + substantivo, com 3 ocorrências; de um substantivo + expressão definida, com apenas 1 ocorrência. Nos casos em que o item de referência é elíptico, com 14 ocorrências, essa lacuna poderia ser preenchida por um pronome demonstrativo, excetuando-se *isso* e *isto*, um possessivo ou um artigo definido.

4.2.3. Os Rótulos Compostos por Modificadores Organizacionais

Os rótulos, além de suas características coesivas e encapsuladoras, exercem a função de organizadores textuais, uma vez que o escritor deles se vale para sinalizar uma mudança de tópico, ou uma mudança dentro de um mesmo tópico, seqüenciando, desse modo, os pontos ou estágios de sua argumentação.

Tais rótulos, além do item de referência definida e do substantivo, que é o seu núcleo, podem ser compostos de modificadores organizacionais (Francis, 1986), que incluem numerais e determinados itens lexicais, tais como: “*outro*”, “*adicional*”, “*similar*”, “*semelhante*”.

Exemplo 36:

“Com impostos em cascata, que geram um custo adicional de 7% a 14% no preço da mercadoria, o produtor tem de ser 7% a 14% mais competitivo que seu concorrente estrangeiro. O nível da proteção tarifária tem de cobrir o ‘custo Brasil’, afirmou ele.

Por enquanto, o secretário matura duas idéias (mod;nuc) para diminuir o grau de competitividade nacional provocada por esses custos e permitir maior desconcentração da indústria do país.

A primeira idéia é o estímulo à criação de sistemas de franquias para a indústria, assim como acontece com o comércio e os serviços. Nesse caso, a matriz ficaria obrigada a repassar as inovações tecnológicas, de gestão empresarial e de desenvolvimento de produtos a suas franqueadas.

A outra idéia, relacionada com a redução dos custos de empréstimos, é a correção dos recursos do FAT (Fundo de Amparo do Trabalhador) conforme a variação da inflação, e não mais com base na TJLP (Taxa de Juros de Longo Prazo).”
(Folha de São Paulo, 26/06/99, p. 2-6).

Em (36), com a utilização do rótulo *duas idéias*, de acordo com a proposta teórica de Francis (1986), o escritor caracteriza o parecer do secretário, que é apresentado na seqüência do texto, através do substantivo abstrato *idéia*, que é o núcleo do rótulo. Esse é, portanto, um rótulo com características catafóricas, já que não encapsula o segmento anterior, porém, aponta diretamente para as informações que se seguem. Para ser coerente com o que propôs, o escritor apresenta as duas idéias, ordenadas com o auxílio dos modificadores “*primeira*” e “*outra*”.

Se observarmos o mesmo rótulo *duas idéias* sob a perspectiva teórica de Tadros (1985), temos um sinalizador lexical composto pelo enumerador *idéias* e do numeral *duas*, que o modifica. Segundo Tadros (*op.cit.*) a realização dos enumeradores é textual, portanto, o escritor deve apresentar uma informação que seja caracterizada como *idéia*. Nesse rótulo, para ser coerente com o que seu comprometimento, ele deve apresentar apenas duas idéias, que se seguem na continuidade do texto, introduzidas pelos seqüenciadores *primeira* e *outra*. Como esse sinalizador aponta para o seqüência do texto, ele é considerado um sinalizador lexical com características catafóricas.

De acordo com o exposto acima, pode-se afirmar que o núcleo do rótulo, que é um substantivo abstrato, na perspectiva de Francis (*op.cit.*), corresponde a um enumerador, na perspectiva proposta por Tadros (*op.cit.*). Por outro lado, os numerais *duas* e *primeira* e o item lexical *outra* são classificados por Francis como modificadores textuais, enquanto Tadros os classifica como qualificador o numeral *duas* e seqüenciadores o numeral *primeira* e o item lexical *outra*.

Exemplo 37:

“Mas, por vezes, o cemitério pode servir de ‘espantapatrocinio,’ como no caso de Leone Justino, 27. Corredora de 5.000 m e 10.000 m, havia conquistado fazia um mês ajuda de uma clínica de Santos, quando o cemitério ofereceu-se como segundo patrocinador. ‘O pessoal da clínica me chamou e disse que tinha que ser exclusivo, porque não combinava. Fiquei só com o do Memorial.’
Rogério Cacciatore, 30, experimentou uma situação semelhante (art;nuc;mod). Recebeu negativas de uma rede de drogarias e de um hospital. O problema, diziam, era a modalidade. Ele é boxeador peso-médio.” (Folha de São Paulo, 31/10/99, p. 4-8)

Em (37), o rótulo *situação semelhante* é anafórico, já que encapsula o segmento anterior e o caracteriza como “*situação*”. Porém, com a utilização do modificador “*semelhante*”, o escritor tem o compromisso de relatar uma situação nova, porém, similar à que foi anteriormente apresentada.

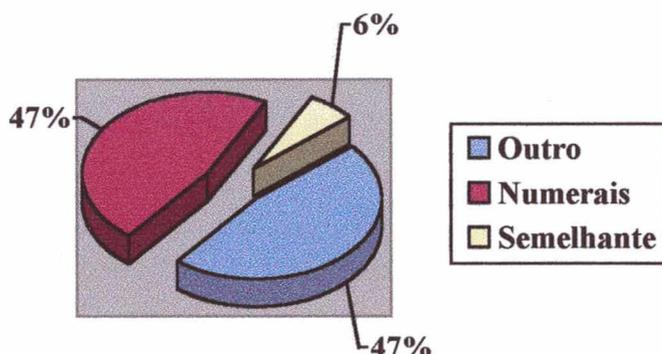
Dentre os 244 rótulos analisados, 15 deles são compostos por modificadores organizacionais, sendo 7 deles o item lexical *outro* (a); 1 o item lexical *semelhante* e 7 numerais. Essa distribuição pode ser observada na figura 27.

Figura 27: Distribuição dos modificadores organizacionais que compõem os rótulos

Modificador	Quantidade
Outro	7
Numerais	7
Semelhante	1

Como pode se perceber, o número de rótulos compostos pelo modificador *outro* é igual ao dos compostos por numerais. Dos numerais utilizados como modificadores organizacionais, um deles é ordinal “*primeira idéia*”, enquanto que os demais são cardinais, tais como: “*duas idéias*”, “*dois processos*”, “*um dos problemas*”. Quanto ao uso do modificador “*semelhante*”, houve apenas uma ocorrência, constante do exemplo (37). Tal distribuição pode ser observada no gráfico abaixo:

Figura 28: Distribuição dos modificadores organizacionais



4.2.4. Os Rótulos Compostos por Qualificadores

Os rótulos, além do item de referência definida e do substantivo, podem ser constituídos, também, por qualificadores, que compreendem os adjetivos e locuções adjetivas, conforme exemplos abaixo:

Exemplo 38:

“Em 1920, com a publicação de “Além do Princípio do Prazer”, FREUD introduz na psicanálise a noção de “pulsão

de morte”, que se manifestaria no sadismo e no desejo de aniquilamento (de um retorno ao estado inanimado).

Idéia sombria (nuc;qual;) e até hoje controversa mesmo entre psicanalistas, ela marca a última virada teórica de uma obra sob todos os aspectos desconcertantes. O autor do “*Mal-Estar na Civilização*” (1930) deixa um legado muito maior, ao mesmo tempo luminoso e sombrio, do que o do cientista que gostaria de ter sido e que hoje é tão contestado. *Difícil negar-lhe o título de pensador do século.*” (Folha de São Paulo, 04/09/99, p.3-4)

Em (38), o núcleo do rótulo, composto pelo substantivo “*idéia*”, caracteriza e avalia o segmento anterior do texto que corresponde ao *elemento X*, que é por ele encapsulado. Todavia, com o acréscimo do adjetivo “*sombria*”, o escritor reforça a sua avaliação, dando um parecer negativo em relação ao conteúdo encapsulado pelo rótulo, prevalecendo, portanto, a função interpessoal da linguagem.

Exemplo 39:

“A cidade mexicana de Mérida, na província de Yucatán, região sul do país, foi a primeira escolhida para exercer o título de Capital Americana da Cultura. O mandato começa a vigorar a partir de janeiro e dura até o final do próximo ano.

Como acontece na Europa desde 85, todos os anos uma cidade com mais de 100 mil habitantes, eleita entre representantes dos 35 países do continente, exercerá a capitalidade.

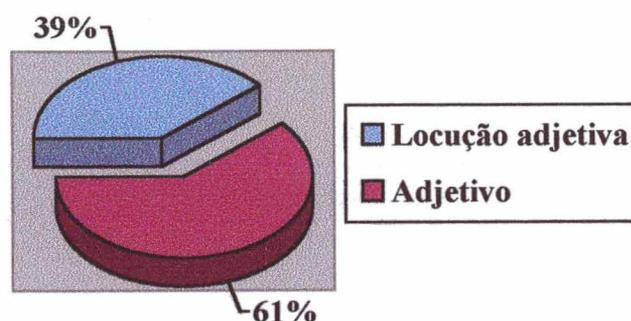
Mérida, berço da civilização maia, com cerca de 850 mil habitantes, foi a escolhida entre 27 candidatas de 25 países. Nenhuma cidade brasileira se candidatou ao título.

“O processo da convocatória (art;nuc;qual) coincidiu com a crise do Real e não houve interesse das cidades em participar”, justificou Xavier Tudela, presidente da ONG (Organização Não-Governamental) Capital Americana da Cultura, que tem sede em Barcelona e conta com 10 representantes em países americanos.” (Folha de São Paulo, 18/10/99, p.6-6).

Em (39), o rótulo *o processo da convocatória*, composto pelo item de referência definida “*o*”, pelo substantivo “*processo*” que é o seu núcleo e pela locução adjetiva “*da convocatória*,” caracteriza e avalia a informação que por ele é encapsulada. Como é um rótulo que exprime um posicionamento mais neutro, a função ideacional da linguagem nele prevalece.

Dos 36 rótulos compostos por qualificadores, constantes do corpus analisado, 22 deles apresentam um adjetivo, exemplificado em (38) e, 14 deles uma locução adjetiva, exemplificado em (39), correspondendo a 61% e a 39%, respectivamente, conforme representado na figura abaixo:

Figura 29: Distribuição dos qualificadores



4.2.5. Os Rótulos Compostos por Comparativos e Superlativos

Os comparativos e os superlativos podem fazer parte da composição dos rótulos, uma vez que podem ser utilizados para reforçar um posicionamento avaliativo do escritor, além de exercerem funções similares aos modificadores textuais, garantindo a seqüenciação das proposições apresentadas e adicionando novas informações que não são correferentes ao que foi apresentado no segmento anterior.

Exemplo 40:

“ ‘Há grande espaço para novos investimentos e criação de empregos, mas os obstáculos para chegar ao dinheiro são enormes’, declara Szajman.

Segundo Denis Ribeiro, diretor da Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (Abia), há no setor uma forte disputa no mercado, inclusive internacional, que requer investimentos ainda maiores. ‘Mas o governo parece não ter consciência, e acha que desenvolvimento é produzir automóvel. Não dá para entender.’

O maior problema (art;mod.nuc) apontado por quem quer recursos do BNDES para investir é que têm acesso direto ao banco oficial apenas as empresas com projetos de investimento superiores a R\$ 7 milhões. Valores abaixo disso, com exceção do ramo de turismo, têm de ser conseguidos em bancos

privados autorizados a operar com o BNDES.” (Folha de São Paulo, 26/09/99, p.1-10).

Em (40), o núcleo do rótulo “*problema*” encapsula o segmento anterior, avaliando-o como tal, enquanto que o superlativo “*o maior*” garante ao leitor que a informação que segue o rótulo, que também pertence ao elemento A, está relacionada com o segmento encapsulado, porém é uma nova informação.

Dos rótulos analisados, apenas 4 são compostos de um superlativo, sendo que 3 deles com o superlativo “*o maior*”, enquanto que apenas um, pelo superlativo “*o menor*”. Quanto aos comparativos, não houve ocorrências.

4.3. OS RÓTULOS E AS FUNÇÕES DA LINGUAGEM

Os rótulos realizam as três funções básicas da linguagem, propostas por Halliday: a textual, a ideacional e a interpessoal.

4.3.1. A Função Textual

Para que um texto seja coerente é necessário que contenha em seu desenvolvimento linear elementos de recorrência estrita e mecanismos coesivos que garantam a sua seqüenciação e seu desenvolvimento homogêneo e contínuo, no que se refere à sua micro e macroestrutura.

A progressão do texto pode ser obtida pelo acréscimo de novos comentários a um mesmo tópico ou pela transformação de comentários novos em novos tópicos (tema-remas).

A função textual dos rótulos é estabelecer um elo entre o que foi dito no elemento *X*, constante da relação *X - A* proposta por Francis (1986) e que corresponde ao elemento *situação* da estrutura textual *situação - avaliação* proposta por Winter (1986), que é encapsulado pelo rótulo. O rótulo faz parte do elemento *A*, bem como as novas informações que o sucedem..

Todos os rótulos analisados desempenham um papel organizacional, na medida em que estabelecem uma relação entre o *elemento X*, por eles encapsulado e o *elemento A*, do qual fazem parte.

4.3.2. A Função Ideacional

A realização da função ideacional dos rótulos acontece na medida em que o escritor deles se vale para qualificar e/ou caracterizar a sua própria proposição. Deve-se observar que a função interpessoal também se faz presente em todos os rótulos, mesmo naqueles que denotam um posicionamento mais neutro.

A função ideacional prevalece quando o escritor se utiliza de um determinado rótulo com a intenção de caracterizar o que foi por ele encapsulado para, em seguida, tecer comentários avaliativos sobre o que foi apresentado.

Exemplo 41:

“No sábado, os menemistas voltaram a irritar Duhalde. Enquanto o candidato participava de um dos seus maiores comícios, em frente à Casa Rosada, o presidente se reunia com sindicalistas em Mar del Plata, o balneário mais famoso da Argentina. Na ocasião, apareceram os primeiros adesivos com a frase que reconfirma a vontade de Menem de ocupar pela terceira vez a Quinta de Olivos (casa oficial do presidente argentino).

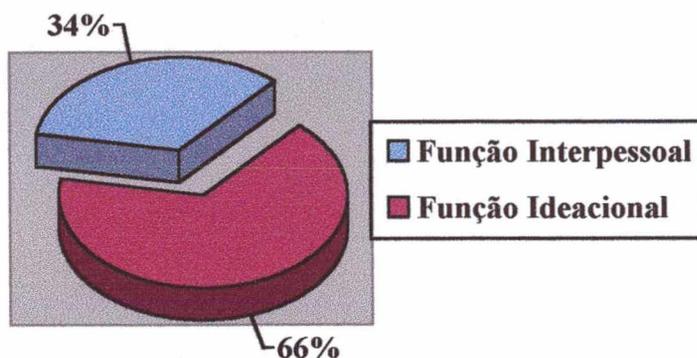
*Menem disse que a **idéia (art;nuc)** não partiu dele. ‘Foram os rapazes’, afirmou ele, referindo-se aos sindicalistas.”* (Folha de São Paulo, 20/10/99, 1-24).

Em (41) o rótulo *a idéia*, além de exercer a função textual, acumula as funções ideacional e interpessoal, porém a função ideacional prevalece porque esse rótulo caracteriza o segmento do texto por ele encapsulado e informa ao leitor como aquele trecho é interpretado por Menem.

Dos 244 rótulos analisados, cujos núcleos são os substantivos “*processo*”, “*situação*” e “*idéia*”, em 160 deles prevalece a função ideacional sobre a interpessoal. Nos 84 restantes, compostos também pelo substantivo “*problema*”, a função interpessoal

prevalece e é comentada em 4.3.3. A prevalência dessas funções pode ser visualizada na figura abaixo:

Figura 30: Prevalência das funções interpessoal e ideacional



Os rótulos nos quais a função ideacional prevalece são compostos por um substantivo (“*idéia*”); um item de referência definida e um substantivo (“*essa situação*”, “*a situação*”, “*sua situação*”); um item de referência definida, um substantivo e uma expressão de referência definida (“*as idéias de Mesquita*”); um item de referência definida, um substantivo e uma locução adjetiva (“*situação da economia*”, “*situação do país*”, “*processo da convocatória*”, “*processo de historificação*”); ou um item de referência definida, um substantivo e um adjetivo (“*o processo venezuelano*”, “*esses processos biológicos*”). Deve-se ressaltar que, independentemente da sua composição, eles caracterizam o que foi por eles encapsulado.

4.3.3. A Função Interpessoal

Além das funções textual e ideacional realizadas pelo rótulo, deve-se destacar o caráter avaliativo dos mesmos, ou seja, a função interpessoal prevalece quando o próprio rótulo expressa o envolvimento do escritor em relação ao fato por ele apresentado.

Exemplo 42:

“Durante seu discurso, o presidente afirmou estar preocupado com a seca no Nordeste, que vive hoje uma de suas piores estiagens, e prometeu manter os investimentos na região mesmo depois da volta das chuvas.”

O governo está fazendo o que pode para minorar esse problema. (dem;nuc) No Nordeste, gastamos R\$ 1,5 bilhão (com a seca). Mas não resolve. Sou muito sensível a isso. Eu conheço a seca. Estive várias vezes nela. Sei o que dói ver o gado magro e o que significa a comida feita com água que não é apropriada.” (Folha de São Paulo, 08/10/99, p. 1-5)

Em (42), o rótulo *esse problema* encapsula a preocupação do presidente em relação à situação nordestina que é por ele reconhecida como problemática. A função interpessoal desse rótulo pode ser observada pela escolha do item lexical “*problema*” como núcleo do rótulo que expressa uma avaliação negativa da situação apresentada no *elemento X* e está contida no próprio rótulo.

É interessante observar a expressividade do caráter avaliativo dos rótulos através da comparação do exemplo acima e o (43) onde o núcleo do rótulo foi substituído, propositadamente, pelo item lexical “*situação*”, que exprime um posicionamento mais neutro. Deve-se salientar, no entanto, que mesmo os rótulos com características mais neutras possuem, também, um caráter avaliativo.

Exemplo 43:

“Durante seu discurso, o presidente afirmou estar preocupado com a seca no Nordeste, que vive hoje uma de suas piores estiagens, e prometeu manter os investimentos na região mesmo depois da volta das chuvas.

O governo está fazendo o que pode para minorar essa situação. (dem;nuc) No Nordeste, gastamos R\$ 1,5 bilhão (com a seca). Mas não resolve. Sou muito sensível a isso. Eu conheço a seca. Estive várias vezes nela. Sei o que dói ver o gado magro e o que significa a comida feita com água que não é apropriada.” (Folha de São Paulo, 08/10/99, p. 1-5)

Com a substituição do rótulo *esse problema*, em (42), por *essa situação*, em (43), há uma alteração na prevalência das funções de linguagem. Em (42) a função interpessoal do rótulo prevalece, uma vez que o seu núcleo apresenta uma avaliação negativa realizada pelo próprio presidente sobre a situação nordestina apresentada no *elemento X*. Todavia, em (43) a função ideacional é predonimante, uma vez que a informação constante do elemento X é caracterizada como *situação*, que possui características mais neutras. Embora esse rótulo apresente, também, um caráter avaliativo, sua função

maior é caracterizar a informação que o antecede e introduzir uma avaliação da situação apresentada no elemento X.

No corpus analisado, a função interpessoal prevalece em todos os rótulos cujos núcleos são compostos pelo item lexical “*problema*”. Nos rótulos com características mais neutras, como “*situação*”, “*idéia*”, e “*processo*”, essa função pode prevalecer, na medida em que o escritor se vale de adjetivos quando da composição dos mesmos, que podem ser assim exemplificados: “*idéias sombrias*”, “*idéias ultrapassadas*”, “*essa é uma boa idéia*”, “*situação normal*” e “*belo processo*”.

Como pode ser observado na figura (28), a função ideacional, que corresponde a 66%, prevalece sobre a função interpessoal, que corresponde a 34%, nos rótulos analisados. Esses números podem ser melhor observados na figura abaixo:

Figura 31: Prevalência das funções da linguagem nos rótulos

Rótulo	Função Ideacional	Função Interpessoal
Situação	53	01
Idéia	48	08
Processo	59	02
Problema	-	73
Total	160	84

Pode-se afirmar, com base nas informações contidas na figura acima, que a função ideacional prevalece sobre a interpessoal em rótulos cujos núcleos são substantivos com conteúdo semântico mais neutro, como os rótulos *situação*, com 53 ocorrências; *idéia*, com 48 ocorrências; e *processo*, com 59 ocorrências. Quando o conteúdo semântico do núcleo do rótulo é mais positivo ou mais negativo, a função interpessoal prevalece, como no rótulo *problema*, com 73 ocorrências.

Todavia, a função interpessoal prevalece sobre a ideacional em rótulos cujos núcleos são compostos por um substantivo mais neutro somente quando ele é acompanhado de um adjetivo que transmita um posicionamento pessoal sobre o que ele está qualificando, como em “*idéia sombria*” em (38). Isso não ocorre no rótulo “*processo venezuelano*”, onde o adjetivo “*venezuelano*” apenas colabora para reforçar a caracterização do núcleo do rótulo, composto pelo substantivo *situação*.

Desse modo, pode-se afirmar que o escritor, através da escolha de determinados itens lexicais que compõem o seu rótulo, determina a prevalência das funções

ideacional ou interpessoal, facilitando a construção do sentido do texto pelo seu leitor, que é levado a interpretar as proposições do modo em que são apresentadas pelo escritor. Deve-se salientar que o leitor não é um sujeito passivo, portanto, tem todo o direito de concordar ou discordar com essas proposições, considerando o seu conhecimento de mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das leituras efetuadas para a execução desse estudo, pudemos perceber que o conhecimento do léxico é um dos fatores que afeta a compreensão de um texto, porque pressupõe-se que o leitor, para o entendimento de um item lexical, conheça outros itens lexicais, idéias e/ou conceitos a ele relacionados. Todavia, o conhecimento de itens lexicais isolados não garante essa compreensão. O leitor, sempre que se deparar com uma seqüência de frases, deve ser capaz de estabelecer uma relação entre elas. Se o sentido do todo é maior do que o de cada uma delas, pode-se afirmar que ele foi capaz de estabelecer as relações interfrásticas e perceber o texto como uma unidade semântica.

As relações interfrásticas se estabelecem através de mecanismos coesivos. Entre esses, pode-se incluir os *rótulos*, cujos núcleos são compostos por substantivos abstratos que, além de terem o seu próprio sentido, rotulam, resumem, reformulam, caracterizam e avaliam as informações presentes em um determinado segmento no texto.

Depois de selecionarmos os rótulos *idéia*, *problema*, *situação* e *processo*, eles foram observados em um corpus composto por textos publicados no CD-ROM Folha – Edição 2000, do jornal Folha de São Paulo, no período de julho a dezembro de 1999, sob os títulos *política*, *economia*, *esporte* e *cultura*, a fim de verificarmos, primeiramente, a freqüência dos mesmos em cada um desses assuntos.

A partir dessa observação, constatamos que o escritor faz uma escolha lexical e gramatical pertinente ao seu propósito comunicativo e que ele seleciona os rótulos que melhor se enquadram no seu ato comunicativo, organizando, caracterizando, avaliando o seu próprio argumento, direcionando e facilitando a construção do sentido de seu texto pelo leitor. Como essa escolha é arbitrária, esse é um dos fatores que determinam a preferência de um rótulo em relação ao outro, o que pode justificar a maior ocorrência de um determinado rótulo nos diversos assuntos.

Um outro aspecto observado com relação à freqüência dos rótulos refere-se à diferença entre o número dos itens lexicais *problema*, *idéia*, *processo* e *situação* e esses mesmos itens quando exercem a função de rótulos. Essa diferença está relacionada com a

estrutura textual, uma vez que os rótulos somente fazem parte do *elemento A*, que compõe a *Relação X – A*, proposta por Francis (1986), ou do segmento denominado *avaliação* na estrutura textual *situação – avaliação*, proposta por Winter (1986), enquanto que os itens lexicais permeiam toda a estrutura textual.

Outro objetivo de nosso estudo foi observar a composição dos rótulos que, de acordo com os critérios propostos por Francis (*op.cit.*), são formados, a princípio, por um item de referência definida e um substantivo abstrato e classificados em *rótulos modificados por um item de referência definida* e *rótulos como complemento de um item de referência definida*. A partir dessa observação, constatamos que é maior a ocorrência de rótulos modificados por um item de referência definida em relação aos que são complementos desses itens de referência.

Entre os itens de referência definida que compõem os rótulos modificados por eles, incluem-se os artigos, os pronomes demonstrativos e possessivos e as expressões de referência definida, excetuando-se os demonstrativos *isto* e *isso*, porque sempre que estão acompanhados de um substantivo geram sentenças agramaticais, e *aquela*, considerando-se as particularidades dos rótulos, que encapsulam o *elemento X*, da *relação X-A*, proposta por Francis (*op.cit.*), que antecede o *elemento X*, que contém o rótulo.

Todavia, a escolha de itens de referência definida que compõem os rótulos que são complementos desses itens, está limitada aos demonstrativos *este*, *esse* e *isso* expressos na superfície textual e à elipse dos mesmos, uma vez que a utilização dos demais itens de referência definida geram sentenças agramaticais, mantendo-se a mesma restrição quanto ao uso do pronome *aquela*, pela razão já mencionada. Quanto à elipse, ela pode ser somente substituída por um desses mesmos pronomes, desde que observado o não comprometimento semântico do texto, considerando as especificidades dos demonstrativos *esse* e *este*. Essa observação não se faz necessária se a elipse for substituída pelo demonstrativo *isso*, que é um pronome que possui características mais genéricas.

Além dos itens de referência definida e do substantivo abstrato, que é o seu núcleo, os rótulos podem ser formados, também, por modificadores organizacionais que, segundo Francis (*op.cit.*), incluem itens lexicais como “*semelhante*”, “*outro*”, numerais ordinais e cardinais.

Com relação à composição dos rótulos, verificamos que é através da escolha lexical do substantivo abstrato, que é o seu núcleo, que o escritor caracteriza e avalia a sua proposição, que pode ser reforçada pelo uso de adjetivos e locuções adjetivas. Dessa forma

podemos concluir que essa escolha, dos substantivos, dos adjetivos e das locuções adjetivas, resulta na prevalência das funções de linguagem (Halliday, 1987), comentadas a seguir.

Os rótulos realizam a função textual na medida em que têm propriedades metadiscursivas e o escritor deles se utiliza para estabelecer relações que se fazem presentes no próprio texto. Eles são mecanismos de coesão lexical e, embora sejam compostos de um item de referência definida e de um substantivo, que possui um conteúdo semântico, eles não podem ser interpretados por si mesmos, já que substituem o segmento que encapsulam e apontam para o segmento posterior do texto. Assim, são responsáveis pelas mudanças de tópicos ou alterações em um mesmo tópico, preservando a continuidade do texto e organizando as informações que possam a ser acrescentadas na estrutura textual.

A função textual dos rótulos é estabelecer um elo entre o que foi dito no *elemento X*, constante da *relação X - A* proposta por Francis (1986) e que corresponde ao elemento *situação* da estrutura textual *situação - avaliação* proposta por Winter (1986), que é encapsulado pelo rótulo. O rótulo faz parte do *elemento A*, bem como as novas informações que o sucedem. O *elemento A* corresponde ao *elemento avaliação* e a *base* para essa avaliação, na estrutura textual acima mencionada.

Ainda, com relação à função textual exercida pelos rótulos, não podemos deixar de salientar as peculiaridades dos rótulos compostos por modificadores organizacionais. Segundo Halliday & Hasan (1976) um elemento de referência pode ser anafórico ou catafórico. Entretanto, alguns rótulos que contêm modificadores textuais em sua composição, desempenham as duas funções, a anafórica e a catafórica, simultaneamente.

Como a escolha de um determinado rótulo é prerrogativa do escritor, ele pode vir a selecionar rótulos com um conteúdo semântico mais positivo, mais negativo ou mais neutro. Essas características podem ser acentuadas pelo acréscimo de adjetivos, locuções adjetivas, comparativos e superlativos. Ele pode se valer, também, de rótulos com características metafóricas.

Pudemos observar que a função interpessoal prevalece sobre a ideacional em rótulos cujos núcleos são constituídos por substantivos abstratos com conotações mais positivas ou mais negativas. Essa função prevalece, também, em rótulos com conotações mais neutras, desde que acompanhados de um adjetivo.

A função ideacional se evidencia em relação à interpessoal quando o rótulo caracteriza, principalmente, a informação que é por ele encapsulada e como ele está situado no *elemento A* que equivale ao elemento *avaliação*, ele serve de ponte para introduzir comentários avaliativos sobre o que foi por ele encapsulado.

Através desse estudo tivemos a oportunidade de verificar a importância do conhecimento do léxico e das relações interfrásticas, através das quais os textos são estruturados. O que se tem observado no que se refere ao ensino do léxico é que esse ensino está voltado à leitura de palavras conhecidas, à busca de novos sentidos para as palavras conhecidas, ao aprendizado de novas palavras que representam conceitos conhecidos, ao aprendizado de novas palavras que representam novos conceitos e esclarecimento e o enriquecimento do sentido das palavras conhecidas. É óbvio que essas tarefas são importantes, contudo, elas não são suficientes para garantir a compreensão de um texto.

Entretanto, nada ou muito pouco se tem feito no que se refere ao ensino das relações interfrásticas construídas a partir de itens lexicais, uma vez que essas relações são responsáveis pela estruturação do texto e o seu estabelecimento é indispensável para a construção do sentido do texto pelo leitor. Desse modo, é necessário conscientizar os estudantes da importância da sinalização lexical efetuada pelos rótulos, uma vez que eles facilitam a compreensão do texto e podem auxiliá-los na produção de seus próprios textos.

Esse estudo permitiu-nos, também, verificar a utilização dos rótulos em textos jornalísticos publicados na Folha de São Paulo, que compuseram o corpus analisado e, de artigos publicados nas revistas *Veja* e *Superinteressante*, que ilustraram a revisão bibliográfica. O assunto é de relevância e poucas pesquisas sobre ele têm sido feitas na língua portuguesa do Brasil, além de Grimm-Cabral (1998; 1994; 1992) e Heberle (1997).

Há outros aspectos referentes aos rótulos que necessitam ser observados, como o seu uso em textos produzidos por estudantes de diversas faixas etárias e de diferentes níveis de escolaridade para constatar a partir de quando os rótulos se fazem presentes em seus textos e quais são esses rótulos, ou um levantamento dos rótulos utilizados em um determinado assunto, para verificar quais são eles e as funções de linguagem que exercem.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARAÚJO, Antônia Dilamar. Relato e recapitulação. In: MEURER, José Luiz & MOTTA-ROTH, Désirée. (Orgs.). *Parâmetros de textualização*. Santa Maria: Editora da USFM, 1997, p. 123-137.
2. BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
3. COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
4. FÁVERO, Leonor Lopes & KOCK, Ingedore G. Villaça. *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1997.
5. FRANCIS, Gill. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, Malcolm (Ed.). *Advances in written text analysis*. London: Routledge, 1994, p. 83-101.
6. _____. *Anaphoric Nouns*. Discourse analysis monograph n.10. University of Birmigham, 1986.
7. GRIMM CABRAL, Loni. Conhecimento do léxico e a compreensão da leitura. In: GRIMM CABRAL, LONI & GORSKI, Edair. (Orgs.). *Linguística e ensino*. Florianópolis: Insular, 1998, p. 73-89.
8. _____. *The role of metaphor in informative texts*. Tese de doutorado UFSC. Florianópolis, 1994.
9. _____. *O papel do texto na aquisição de conhecimento: um estudo de repetições e rótulos*. Florianópolis: UFSC, 1992.
10. HALLIDAY, M A.K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold. 1985.
11. HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. *Cohesion in English*. 10th ed. New York: Longman, 1990.
12. HEBERLE, Viviane Maria. Substantivos anafóricos. In: MEURER, José Luiz & MOTTA-ROTH, Désirée. (Orgs.). *Parâmetros de textualização*. Santa Maria: Editora da USFM, 1997, p. 149-165.

13. HOEY, Michael. Signaling in discourse: a functional analysis of a common discourse pattern in written and spoken English. In: COULTHARD, Malcolm (Ed.). *Advances in written text analysis*. London: Routledge, 1994, p. 26-45.
14. _____. *On the surface of discourse*. London: George Allen & Unwin, 1983.
15. KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1997.
16. _____. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.
17. MEURER, José Luiz. Estrutura textual "Situação-Avaliação" e relações oracionais associativas. In: MEURER, José Luiz & MOTTA-ROTH, Désirée. (Orgs.). *Parâmetros de textualização*. Santa Maria: Editora da USFM, 1997, p. 61-79.
18. MOTTA-ROTH, Désirée. Enumeração e antecipação. In: MEURER, José Luiz & MOTTA-ROTH, Désirée. (Orgs.). *Parâmetros de textualização*. Santa Maria: Editora da USFM, 1997, p.97-121.
19. NAGY, William E. & HERMAN, Patricia A. Breadth and depth of vocabulary knowledge: implications for acquisition and instruction. In: McKEOWN, Margaret G. & CURTIS, Mary E. (Eds.). *The nature of vocabulary acquisition*. London: LEA Publishers, 1981.
20. RUDELL, Martha Rapp. Vocabulary knowledge and comprehension: a comprehension-process view of complex literacy relationship. In: RUDELL Robert et. alli. (Eds.) *Theoretical models and processes of reading*. 4th ed. Delaware: International Reading Association, 1994, p. 415-447.
21. SINCLAIR, John McH. Trust the text. In: COULTHARD, Malcolm (Ed.). *Advances in written text analysis*. London: Routledge, 1994, p. 12-25.
22. SPERBER Dan. & WILSON, Deirdre (Contributor). *Relevance*. 2nd ed. Oxford: Blackwell, 1996.
23. TADROS, Angela. Predictive categories in expository text. In: COULTHARD, Malcolm (Ed.). *Advances in written text analysis*. London: Routledge, 1994, p. 69-101.
24. _____. *Prediction in text*. Discourse analysis monograph n.10. University of Birmingham, 1985.
25. VASCONCELLOS, Maria Lúcia. Estrutura textual básica: hipotético-real. In: MEURER, José Luiz & MOTTA-ROTH, Désirée. (Orgs.). *Parâmetros de textualização*. Santa Maria: Editora da USFM, 1997, p. 81-93.
26. VIGOTSKY, L. *Thought and language*. Cambridge, MA: MIT Press, 1986.
27. WINTER, Eugene. Clause relations as information structure: Two basic text structures in English. In: COULTHARD, Malcolm. (Ed.). *Advances in written analysis*. London: Routledge, 1994, p. 46-57.

28. _____. Clause relations as information structure: two basic text structures in English. In: COULTHARD, Malcolm. (Ed.) *Talking about text*. Birmingham: University of Birmingham, 1986, p. 89-107.
29. _____. A clause-relational approach to English texts. In: *Instructional Science*. vol. 6. Amsterdam: Elsevier Scientific Publishing Company, 1977.

PERIÓDICOS

1. ATENÇÃO e carinho para os idosos só fazem bem. *Superinteressante*. São Paulo, n. 155, ago/2000, p. 24.
2. ÂNGELO, Cláudio. Maomé. *Superinteressante*. São Paulo, n. 155, ago/2000, p. 29.
3. DIAMOND, Jared. Porque eles perdem a cabeça. *Veja*. São Paulo, ano 33, n.52, dez/2000, p.72-77.
4. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 28/Dez/99, p. 2-2.
5. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 03/Dez/99, p. 2-6.
6. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 10/Nov/99, p. 2-12.
7. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 31/Out/99, p. 4-8.
8. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 18/Out/99, p. 6-6.
9. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 17/Out/99, p. 5-9.
10. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 09/Out/99, p. 1-3.
11. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 26/Set/99, p. 2-6.
12. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 26/Set/99, p. 1-10.
13. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 04/Set/99, p. 43.
14. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 04/Set/99, p. 3-4.
15. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 17/Jul/99, p. 1-5.
16. MAHBUBANI, Kishore. Os asiáticos sabem pensar? *Veja*. São Paulo, ano 33, n.52, dez/2000, p.120-127.
17. MOURA E CASTRO, Cláudio. O sofisma da especialização. *Veja*. São Paulo, ano 34, n.13, abr/2001, p. 25.

18. NOS vemos em marte. Supernotícias, *Superinteressante*. São Paulo, n. 155, ago/2000, p. 16.
19. PETROSKY, Henry. As falhas continuarão a ser o motor do progresso. *Veja*. São Paulo, ano 33, n.52, dez/2000, p.80-84.
20. TEIXEIRA, Duda, KENSKI, Rafael. Deu Branco. *Superinteressante*. São Paulo, n. 155, ago/2000, p. 49-54.
21. TOLEDO, Roberto Pompeu. O Exemplo dos bons selvagens. *Veja*. São Paulo, ano 33, n.52, dez/2000, p 64-69.
22. UM clique, uma árvore. Supernotícias, *Superinteressante*. São Paulo, n. 155, ago/2000, p. 18.
23. USE óculos com lentes para qualquer ambiente. Informe Publicitário, *Superinteressante*. São Paulo, n. 155, ago/2000, p. 31.

7. APÊNDICE

Apêndice 1: Seleção dos possíveis rótulos através do item de referência definida *ess**.

N	Concordance	t	T	Word	Nq	File	%
1	V France 2. Para ele, há questões essenciais na vida de uma sociedade				98.801	a:\polit~1.doc	64
2	(em 12 meses), respectivamente. Esse risco ajuda a explicar por qu				10.697	a:\polit~1.doc	7
3	eço a Deus que continuemos com essas previsões", afirmou. Segund				70.242	a:\polit~1.doc	45
4	inense, a aprovação chega a 83%. Esses números e o tratamento po				49.981	a:\polit~1.doc	32
5	ades e a liberdade para todos. Se essa definição soa muito parecida				36.446	a:\polit~1.doc	24
6	erlang, voltou a dizer que para que essa meta seja cumprida são nec				13.227	a:\polit~1.doc	8
7	e que a aliança _pelo menos com essa parte do partido_ se mantém				46.246	a:\polit~1.doc	30
8	lar, dura, a dama-de-ferro, durante esse período em que dizimou os s				55.434	a:\polit~1.doc	36
9	e quero fazer jus a ele. Não sei se essa retribuição vai ser pelo CSA,				94.102	a:\polit~1.doc	61
10	i, é moleza. A questão é que, com esse juro operado no mercado de				3.587	a:\polit~1.doc	2
11	eçou a preparar a transição, mas esse PROCESSO (dem;nuc)demo				4.530	a:\polit~1.doc	3
12) e o abraçou com força ao proferir essas palavras. Ambos choravam.				100.149	a:\polit~1.doc	65
13) e o abraçou com força ao proferir essas palavras. Ambos choravam.				99.300	a:\polit~1.doc	64
14	e acabou de ser eleito...não eleito, esse cara tomou o cargo. Parece				33.486	a:\polit~1.doc	22
15	aconteceria a mesma coisa com essa intelectualidade? Eu diria que				55.049	a:\polit~1.doc	36
16	á adotada neste ano pelo governo. Essa política representa o reconhe				84.574	a:\polit~1.doc	55
17	bléia, agora têm de esclarecer se essa entrega dos cargos é para d				44.518	a:\polit~1.doc	29
18	s, ajuda o cidadão a compreender essa língua. Copyright © 1999				73.992	a:\polit~1.doc	48
19	estre do ano for igual ao terceiro, esse será o crescimento", informou				13.717	a:\polit~1.doc	9
20	oduto estrangeiro. Mattar descarta essas IDÉIAS (dem;nuc)e se conce				83.914	a:\polit~1.doc	54
21	s evangélicos. Não concordo com essa prática, com esse projeto, de				42.514	a:\polit~1.doc	28
22	o apoio popular. Que fenômeno é esse ? Não sabemos explicar. A a				55.504	a:\polit~1.doc	36

Apêndice 2: Levantamento dos rótulos cujo núcleo é o substantivo abstrato *problema*

N	Concordance	t	T	Word No.	File	%
1	s e abordar os diversos lados desse PROBLEMA(mod;dem;nuc;-). Para i			34.722	a:\cultura.doc	35
2	a batalha pela soberania nacional. O PROBLEMA(art;nuc;-) uniu no mes			12.919	a:\cultura.doc	13
3	ciência feita com cuidado indicando PROBLEMAS(lex) que exigem mais			57.316	a:\cultura.doc	58
4	comunidade para tentar melhorar um PROBLEMA(lex)", afirma Neide, que			38.841	a:\cultura.doc	40
5	e qualquer esfera administrativa". O PROBLEMA(lex) é que "não tem res			66.921	a:\cultura.doc	68
6	ção musical do Estado se move sem PROBLEMAS(lex) entre o erudito (o			62.708	a:\cultura.doc	64
7	, vassalos do governo para quem os PROBLEMAS(art;nuc;qual;-) do país			17.155	a:\cultura.doc	18
8	rece frívolo diante da quantidade de PROBLEMAS(mod;nuc;-) e de barb			16.782	a:\cultura.doc	17
9	s, ambivalentes, híbridos, colocam o PROBLEMA(lex) das diferenças cult			55.707	a:\cultura.doc	57
10	o tem lógica reformar para repetir o PROBLEMA(art;nuc;-) mais tarde",			29.821	a:\cultura.doc	30
11	os modos correntes de enquadrar o PROBLEMA(art;nuc;qual;-) da difere			56.116	a:\cultura.doc	57
12	sa IDÉIA(dem;nuc;+) esbarra noutro PROBLEMA(org;nuc;-): a falta de fil			9.999	a:\cultura.doc	10
13	o uma boa questão. Creio que é um PROBLEMA(lex) semelhante ao do			21.955	a:\cultura.doc	22
14	Ricoeur que se vai resolver todos os PROBLEMAS(mod;nuc;qual;-) históri			26.872	a:\cultura.doc	27
15	s velho e sempre ajuda a resolver os PROBLEMAS(lex) que acontecem no			45.570	a:\cultura.doc	46
16	u um tanto superficial. Isso porque o PROBLEMA(lex) decisivo, a radicaç			36.689	a:\cultura.doc	37
17	o, disse ter se surpreendido com os PROBLEMAS(art;nuc;-) no projeto.			64.692	a:\cultura.doc	66
18	"toldou, nesse sentido, o verdadeiro PROBLEMA(art;qual;nuc;-), ao conc			36.779	a:\cultura.doc	37

Apêndice 3: Levantamento dos rótulos cujo núcleo é o substantivo abstrato *idéia*

Concordance		f	T	Word Nd	File	%
1	ão do PROCESSO(art;nuc;qual) de identificação do eu por meio do es			56.005	a:\cultura.doc	57
2	e a bactéria fabrica naturalmente. A IDÉIA(lex) é simples e direta: se a l			57.064	a:\cultura.doc	58
3	companhem a realização do projeto idealizado pelo ator e diretor Guilherme			63.922	a:\cultura.doc	65
4	O sr. acredita ser possível reforçar a identidade cultural dos países-mem			21.854	a:\cultura.doc	22
5	oisés admite, no entanto, que essa IDÉIA(dem;nuc:+) esbarra noutra PR			9.997	a:\cultura.doc	10
6	três anos para comandar o projeto, idealizado pelo então secretário da			54.301	a:\cultura.doc	55
7	mos 50 anos. Bizarra também é sua IDÉIA(rep) sobre o Dogma 95: os fil			47.670	a:\cultura.doc	48
8	ao reconhecimento de universais de identidade quanto na criação de tót			20.827	a:\cultura.doc	21
9	egundo ele, ao se tributar de forma idêntica, por exemplo, o norte-amer			30.824	a:\cultura.doc	31
10	s Apparences", o sr. defendeu uma IDÉIA(lex) bastante ousada, quando			26.259	a:\cultura.doc	27
11	ue assina o roteiro dos programas, idealizados por Marco Antônio Coel			38.851	a:\cultura.doc	40
12	tes aumenta o número de indivíduos idem, que precisam das duas cópia			57.220	a:\cultura.doc	58
13	>a Fa la Əa 'b ,b Ab -b %c +c id wd Ve [e ĺe ±e De ãe f #f 'f			89.471	a:\cultura.doc	94
14	aginista (1953) Radicalização das IDÉIAS(lex) mais radicais da escola			47.189	a:\cultura.doc	48
15	m manipulados. Apesar de falarem idiomas diferentes, eles conseguem			45.523	a:\cultura.doc	46
16	ntados em blocos durante o dia. "A IDÉIA(art;nuc:+) foi montar uma se			39.603	a:\cultura.doc	40
17	e pretende fazer com o local, mas a IDÉIA(art;nuc:+) é destiná-lo ao laze			29.807	a:\cultura.doc	30
18	venidas com nomes brasileiros, e a identificação é evidente, por exempl			42.457	a:\cultura.doc	43
19	como sistema estável de referência idêntico a si mesmo e intocado ant			55.795	a:\cultura.doc	57
20	á-la. Mas como se aprende isso? O ideal talvez seja uma mescla de tec			31.158	a:\cultura.doc	32
21	s do crítico Homi Bhabha tratam da identidade contemporânea PAULA			55.137	a:\cultura.doc	56
22	mo o suspense, a culpa e a troca de identidade, as mulheres e o erotism			56.671	a:\cultura.doc	58